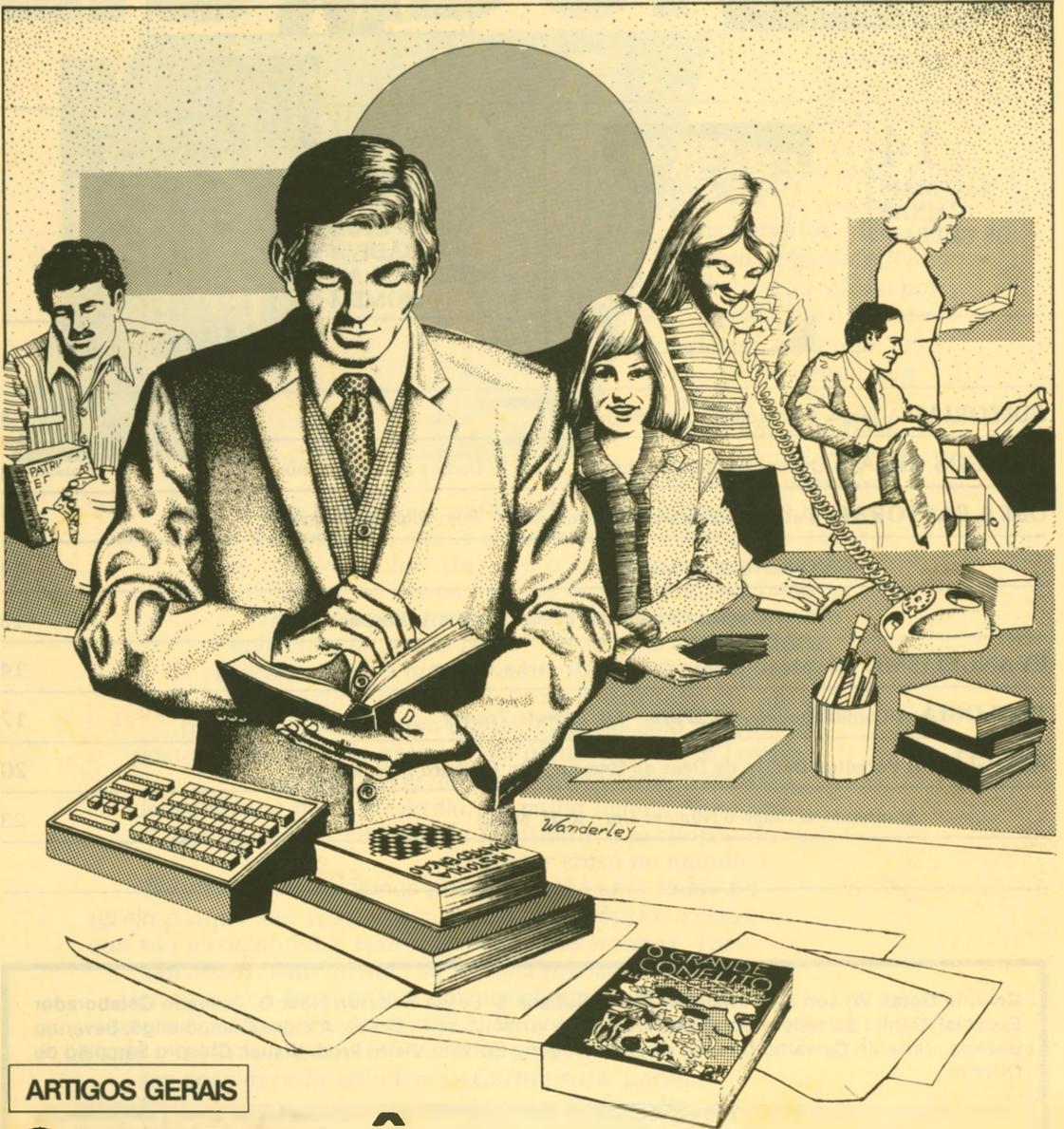


JUL/AGO 1984 — Nº 4

# Ministério

Uma Revista para Pastores e Obreiros ADVENTISTA



ARTIGOS GERAIS

# QUEM LÊ ELLEN G. WHITE?

1000  
DIAS DE  
COLHEITA



4

QUEM LÊ  
ELLEN G.  
WHITE?



11

O SERVO  
DIRIGENTE

14

NÃO MAIS  
"CAIXAS  
DE CULPA!"



20

A PERPÉTUA  
DÁDIVA  
DE DEUS AO  
HOMEM



<b>EDITORIAL</b> A Igreja é Enfadonha W. B. Quigley	3
<b>ARTIGOS GERAIS</b> Quem Lê Ellen G. White? Roger L. Dudley e Des Cummings, Jr.	4
<b>OBRA PASTORAL</b> "Falai Benignamente a Jerusalém" Roy Allan Anderson	7
O Servo Dirigente	11
Invertendo a Cerimônia Fúnebre Neal A. Kuyper	13
<b>EVANGELISMO</b> Não Mais "Caixas de Culpa"! Arlys Walter	14
<b>TEOLOGIA</b> A Contaminação — 2ª Parte Dr. Alberto Treiyer	17
<b>RELIGIÃO</b> A Perpétua Dádiva de Deus ao Homem Dr. Gerhard F. Hasel	20
Mantendo-se Como o Número Um K. H. Mead	23

**Gerente Geral:** Wilson Sarli **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa **Redator:** Naor G. Conrado **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere **Colaboradores:** João Wolff, José C. Bessa, Alcides Campolongo, Severino Bezerra, Jefte de Carvalho **Direção de Arte:** Rogério Sorvillo Vieira **Prod. Visual:** Cláudio Sampaio de Oliveira

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista **O Ministério Adventista** devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 - Brasília, DF

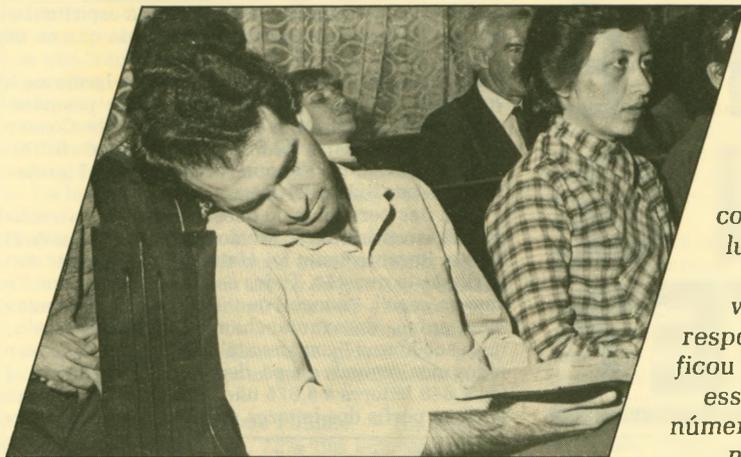
Capa: Wanderley

Assinatura Anual:  
Cr\$ 1.200,00

Editado bimestralmente pela **Casa Publicadora Brasileira**,  
Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Santo André, São Paulo



# A IGREJA É ENFADONHA



Erio/Casa

Na noite de 4 de março de 1982, o apresentador do popular programa de TV "Family Fued" perguntou à competidora: "Qual é o lugar mais enfadonho freqüentado por você?" Eis a pronta resposta: "A igreja." E ficou demonstrado que essa era a resposta número um, com base no levantamento efetuado entre cem pessoas!

É isso que está acontecendo com a igreja? Que igreja, ou a igreja de quem, é o lugar mais enfadonho de se ir? A sua? A minha? Dar-se-á o caso de que aqueles que vivem na época em que os mais impressionantes cumprimentos proféticos de todos os tempos estão eclodindo ao nosso redor considerem a fonte dessa verdade e luz "o lugar mais enfadonho"? Se assim é, isso constitui um paradoxo mais estranho do que a ficção! Se assim é, em algum lugar há uma porção de pastores ineptos! Se assim é, em algum lugar tem havido enorme desvio da espécie de verdade incisiva demonstrada por uma igreja, há muito tempo! Se assim é, a igreja está deixando de transmitir a excitação da "maior coisa no mundo"!

Naturalmente, algumas pessoas estão enfadadas na igreja porque sua vida se centraliza nas próprias coisas que são incompatíveis com a igreja e suas normas. Tais indivíduos, sem dúvida, se sentem pressionados na igreja e só a freqüentam porque alguma influência exterior exige que estejam ali. Diante de semelhante atitude e motivo, a igreja dificilmente poderá deixar de ser considerada enfadonha. Certamente, porém, ninguém que comparece aos nossos lugares de culto, buscando fervorosamente informações a respeito de Deus e bênção para sua alma faminta, apenas deve receber enfado em troca.

— W. B. Quigley



## QUEM LÊ ELLEN G. WHITE?

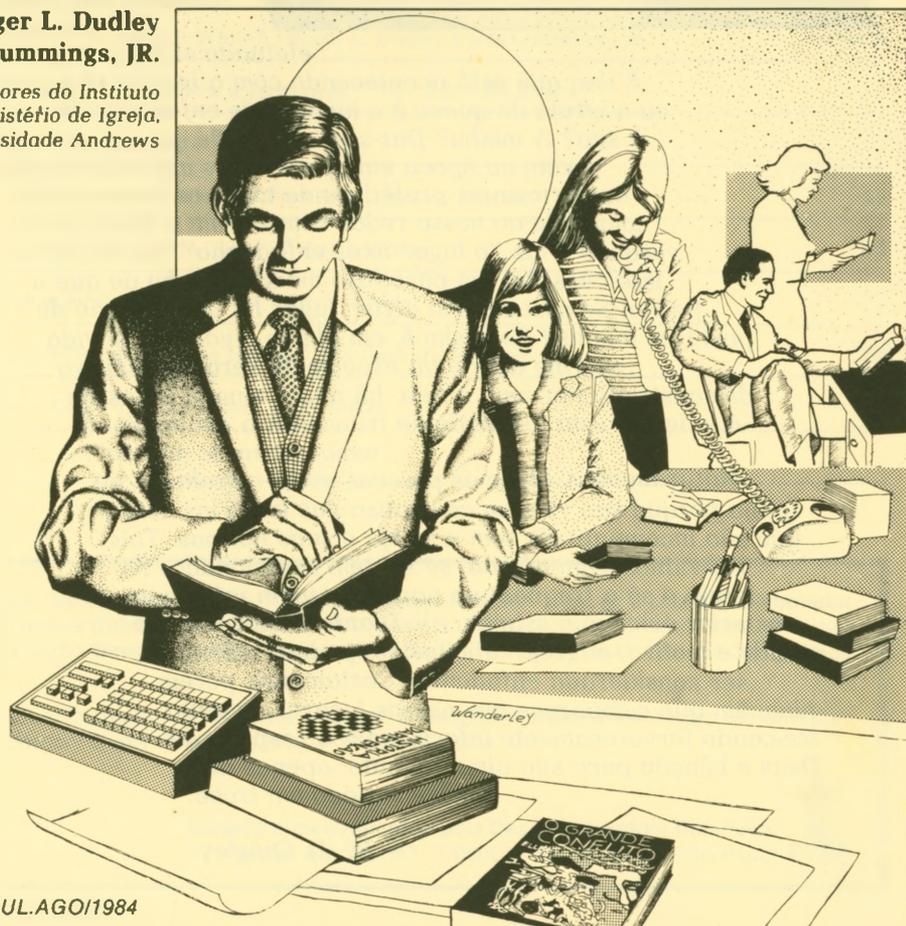
**Roger L. Dudley  
e Des Cummings, JR.**

*Diretores do Instituto  
de Ministério de Igreja,  
Universidade Andrews*

A relação de Ellen White para com a Igreja Adventista está recebendo considerável atenção ultimamente, e grande parte dela tem que ver com questões teológicas, tais como a natureza da inspiração, o uso de fontes pelo profeta e a autoridade e inerrância dos escritos proféticos. Este artigo adota um método diferente. Diz respeito a uma interessante e importante descoberta indicada por uma recente pesquisa sobre crescimento de igreja na América do Norte. Qual é essa descoberta? Os que estudam com regularidade os escritos de Ellen White têm muito mais probabilidade de ser cristãos mais fortes em sua vida espiritual e em seu testemunho a suas comunidades do que os membros de igreja que não fazem isso.

Em 1980 o Instituto de Ministério de Igreja na Universidade Andrews (ICM) efetuou uma pesquisa de crescimento de igreja na América do Norte. Como parte dessa pesquisa, o ICM examinou mais de 8.200 adventistas do sétimo dia que freqüentam 193 igrejas diferentes por toda a Divisão.

Uma das perguntas do questionário versava sobre o grau de envolvimento no estudo regular dos livros de Ellen White. Recentemente foi efetuada uma análise secundária desta questão. Todos os que responderam: "Não vem ao caso", "nunca" ou "às vezes" foram reunidos num grupo, doravante chamado "Não-leitores". Os que escolheram "comumente" ou "sempre" foram reunidos num segundo grupo, denominado "Leitores". Havia 2.848 leitores e 5.375 não-leitores. Este artigo compara os perfis dos leitores e dos não-leitores em rela-



ção com a maneira como cada grupo respondeu aos outros itens do questionário.

Cumprir notar que o questionário foi preenchido nas 193 igrejas durante os cultos de sábado. Por conseguinte, ele reflete as atitudes e o procedimento de adventistas que freqüentam a igreja, e não procura descrever os que se tornaram inativos. Constitui um retrato dos membros que compõem o âmago da congregação local.

**Relação com Jesus Cristo.** — Aqui há notável diferença, pois 85 por cento dos leitores escolheram uma das duas respostas mais fortes possível para indicar que sua relação com Jesus Cristo era íntima. Só 59% dos não-leitores fizeram a mesma coisa — uma diferença de 26%. Certamente os leitores encaram sua relação com Cristo como mais chegada e mais íntima do que os não-leitores.

**Segurança em Deus.** — A diferença quanto à segurança ou certeza de estar em paz com Deus é quase a mesma. Verificou-se que 82% dos leitores, em comparação com 59% dos não-leitores, estão bem certos de sua situação — uma diferença de 23 pontos percentuais. Os leitores, evidentemente, têm mais certeza da salvação.

**Convicção Quanto aos Dons Espirituais.** — Neste sentido, 65% (juntando as duas escolhas mais elevadas) dos leitores, estão bem certos de que descobriram seus dons espirituais, em confronto com 49% dos não-leitores — uma diferença de 16%. Os leitores, mais do que os não-leitores, consideram-se preparados para ser guiados ao serviço especial para o qual foram habilitados pelo Espírito.

**Dinheiro Para Evangelismo Público.** — Há uma pequena diferença nesta área. 72% dos leitores favorecem maior dispêndio para evangelismo, contra 62% de não-leitores que fazem a mesma coisa. Estes 10% de diferença indicam uma tendência moderada, da parte dos leitores dos escritos de Ellen White, para serem mais favoráveis ao investimento de fundos na direta conquista de almas.

**Preparados Para Testemunhar.** — Há uma significativa diferença entre os dois grupos na maneira em que se consideram preparados para testemunhar. Usando as duas respostas principais, 49% dos leitores sentiam-se bem preparados. Apenas 24% dos não-leitores sentiam a mesma coisa — uma diferença de 25%. Os leitores sentem-se decididamente mais bem preparados para testemunhar do que os não-leitores.

**Atividades Cristãs.** — O questionário continha uma série de sete perguntas respondidas com um "sim" ou "não". Em cada um desses itens, os leitores de Ellen White levam considerável vantagem sobre os não-leitores. Para ser específico, 24% mais estiveram empenhados nalgum tipo de programa de dar testemunho durante o ano anterior, 13% mais ocupavam algum cargo na igreja ou outra posição de serviço, 15% mais haviam estabelecido um alvo de conquista de almas para o ano em curso, 19% mais se esforçavam para conquistar parentes não-adventistas, 15% mais estavam envolvidos em serviços de penetração na comunidade, 19% mais deram estudos bíblicos a pessoas não-adventistas durante o ano passado, e 14% mais assistiram recentemente a um programa de preparo para dar testemunho. Os leitores de Ellen White parecem ser definitivamente mais diligentes no serviço e em dar testemunho, do que os não-leitores.

**Avaliação da Igreja Local.** — Diversas perguntas requeriam percepções da igreja local, e não se referiam diretamente às atitudes ou à conduta dos respondentes. Portanto, não podiam ser esperadas grandes diferenças entre os leitores e os não-leitores. Contudo, as pequenas diferenças existentes (seis ou sete pontos

percentuais) também indicam que os leitores fazem uma avaliação mais positiva. Por exemplo, 11% mais leitores do que não-leitores avaliaram acentuadamente suas igrejas como "minha espécie de povo". Os leitores não são pessoas negativas. Tendem a encarar suas igrejas de modo mais positivo do que os não-leitores.

**Estudo Pessoal da Bíblia.** — Várias perguntas tratavam de aspectos do viver cristão diário, e é nestes aspectos que se encontram algumas das mais fortes diferenças entre os leitores e os não-leitores. Por exemplo, 82% dos leitores comumente ou sempre estudam diariamente a Bíblia, ao passo que apenas 47% dos não-leitores fazem a mesma coisa. Isto é uma diferença de 35% — a mais acentuada de todos os itens da pesquisa. Os leitores são muito mais propensos a estudar a Bíblia do que os não-leitores.

**Oração por Almas.** — Eis aqui outra diferença bastante acentuada. Descobriu-se que 81% dos leitores comumente ou sempre oram cada dia pela conversão de pessoas específicas, em comparação com 51% dos não-leitores — uma diferença de 30%. Os leitores são mais propensos a sentir responsabilidade pelas almas em seu coração e a buscar diariamente ao Senhor para sua salvação.

**Apoio Financeiro à Conquista de Almas Local.** — O contraste continua, pois 30% mais (76% contra 46%) de leitores do que de não-leitores comumente ou sempre estão envolvidos em regular apoio financeiro à conquista de almas local. Os leitores tendem a contribuir com mais freqüência e generosidade para programas destinados a alcançar os perdidos dentro de suas próprias comunidades.

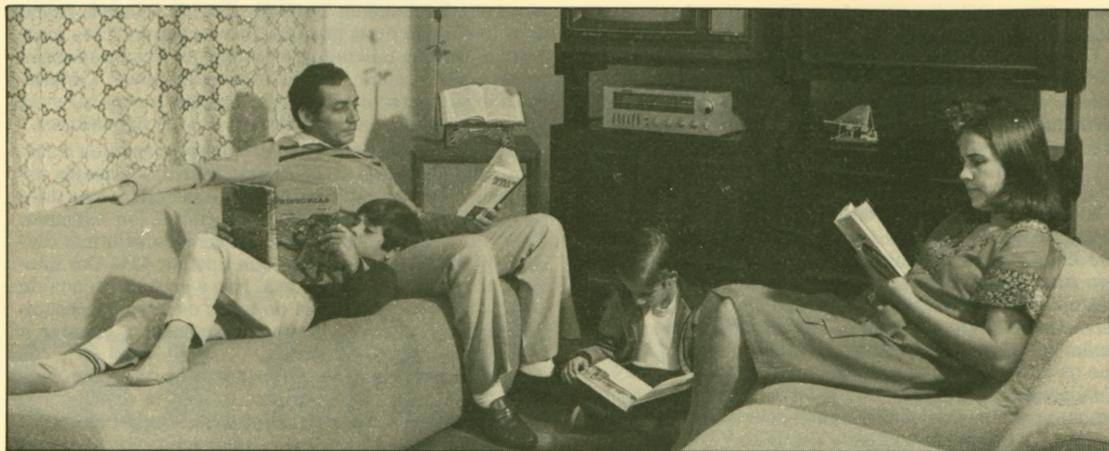
**Pequenos Grupos de Estudo.** — Os pequenos grupos de estudo e companheirismo foram preconizados nos escritos do Espírito de Profecia e está empiricamente demonstrado que eles ajudam tanto a nutrição espiritual dos membros como os esforços da congregação na conquista de almas. O perfil revela que 40% dos leitores, em comparação com 20% dos não-leitores, estão intensamente envolvidos nesse trabalho de pequenos grupos. Os leitores são mais propensos a participar com regularidade em pequenos grupos onde eles estudam a Palavra, oram juntos e partilham sua experiência cristã, do que os não-leitores.

**Solicitude Pelos Perdidos.** — Quanto a esta questão, 90% dos leitores indicaram intensa solicitude pelos que não aceitaram a Cristo, em comparação com 76% dos não-leitores. Esta diferença de 14% indica que os leitores regulares dos escritos de Ellen White são mais propensos a ter compaixão dos perdidos.

**Culto Familiar Diário.** — O culto familiar diário é uma parte importante da vida de uma família cristã. Comumente ou sempre é realizado por 70% dos leitores, mas somente por 42% dos não-leitores, o que dá uma diferença de 28%. Há mais probabilidades de haver culto diário nos lares em que os livros de Ellen White são lidos com regularidade.

**Testemunhar nas Atividades Cotidianas.** — Verificou-se que 76% dos leitores e 48% dos não-leitores comumente ou sempre se acham empenhados em testemunhar em suas atividades cotidianas — uma diferença de 28%. Os leitores são mais propensos a partilhar sua fé numa base informal, bem como em atividades organizadas para dar testemunho, do que os não-leitores.

**Conversos Ganhos Para a Verdade.** — Aqui o questionário passa dos critérios subjetivos para resultados objetivos. "Por quantas pessoas trazidas para a igreja nos últimos três anos, você foi inteira ou parcialmente responsável?" 54% dos leitores não puderam mencionar a pessoa alguma, mas 67% dos não-leitores eram improdutivos na conquista de almas — um aumento de



Erló/Casa

13%. Embora 15% de ambos os grupos pudessem apresentar um converso, 22% dos leitores podiam identificar duas a cinco pessoas ganhas, 3% deles podiam citar seis a dez, e 6% podiam alegrar-se com mais de dez. Os números correspondentes para os não-leitores eram 15%, 2% e 2%. Os leitores ganham realmente mais almas do que os não-leitores.

**Idade.** — A análise dos grupos etários lança um desafio à igreja. Só 5% dos leitores têm 19 anos de idade ou menos, em comparação com 17% dos não-leitores. Só 30% dos leitores têm menos de 36 anos de idade, em comparação com 49% dos não-leitores. A situação é igual no grupo estário de 36 a 50 anos de idade, mas 46% dos leitores estão acima dos 50, em comparação com 29% dos não-leitores. O desafio, portanto, é encontrar meios de envolver maior quantidade de membros mais novos (35 anos ou menos) na leitura dos livros de Ellen White.

**Período de Tempo Como Adventista.** — Neste item constatou-se uma situação similar ao do fator da idade. Os que estão há mais tempo na igreja são mais propensos a ser leitores dos escritos de Ellen White. Ao passo que 68% dos leitores têm sido membros por mais de dez anos, só 53% dos não-leitores têm pertencido à igreja durante esse período de tempo. Na outra extremidade da escala, 22% dos leitores têm sido membros durante menos de cinco anos, ao passo que 33% dos não-leitores se encontram nesta categoria. Isto denota que a igreja pode estar tendo dificuldade para iniciar os novos conversos no estudo regular dos escritos do Espírito de Profecia. Ou pode indicar que o índice de apostasia é maior entre os não-leitores, deixando menos deles na igreja depois de dez anos.

**Conclusões.** — Raras vezes uma pesquisa apresenta provas tão convincentes de uma só conclusão. Em cada um dos itens do questionário sobre crescimento de igreja que trata de atitudes ou práticas pessoais, o membro que estuda com regularidade os livros de Ellen White tende a alcançar um índice mais elevado do que o membro que só os lê ocasionalmente, ou nunca. Nalguns itens a diferença é pequena — apenas três ou quatro pontos percentuais. Mas na maioria dos itens, a diferença é grande: dez, vinte ou trinta por cento.

Essas diferenças se encontram não somente no perfil total, mas também em cada um dos componentes étnicos. Os leitores brancos, negros e hispânicos, como grupos, são superiores, isoladamente, aos não-leitores. Em nenhum item os não-leitores atingem um índice mais elevado do que os leitores.

O estudo indica que os leitores têm uma relação mais íntima com Cristo, mais certeza de sua posição diante de Deus, e é mais provável que tenham identificado seus dons espirituais. São mais favoráveis ao dispêndio de recursos no evangelismo público, e contribuem mais generosamente para projetos missionários locais. Sentem-se mais preparados para testemunhar, e realmente se empenham em mais programas de testemunho e penetração. São mais propensos a estudar a Bíblia diariamente, a orar por pessoas específicas, a reunir-se em grupos de amizade, e a realizar todos os dias o culto familiar. Encaram sua igreja de maneira mais positiva. Trazem mais pessoas para a igreja.

Cumpra notar, porém, que esta pesquisa não determina que a leitura dos livros de Ellen White realmente faz com que as pessoas tenham todos esses benefícios espirituais. A pesquisa mostra apenas que há uma correlação direta entre os vários itens e o estudo das obras de Ellen White. Mas é surpreendente que os contrastes entre esses dois perfis sejam tão numerosos e tão grandes. Certamente, a inferência é que a leitura regular dos escritos de Ellen White ocasiona uma diferença positiva na vida e no testemunho cristão.

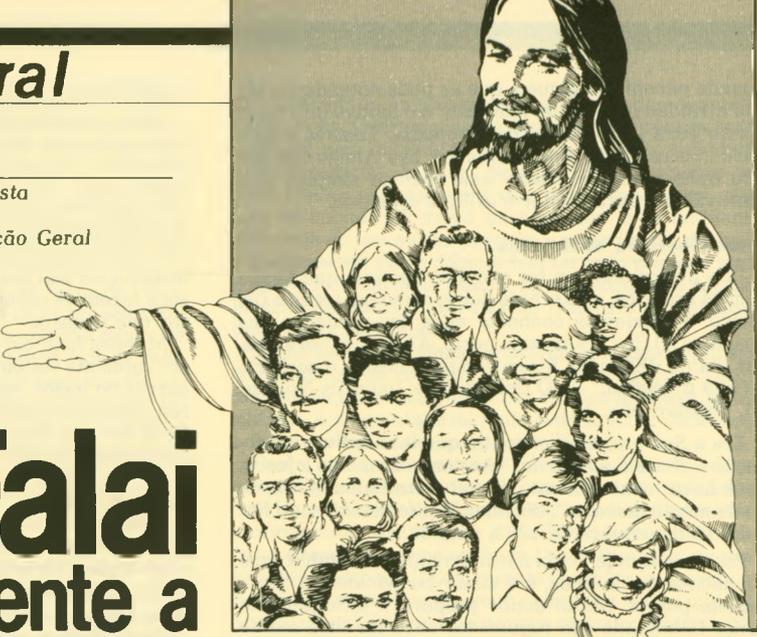
Também importa notar que essas estatísticas comparam os leitores e os não-leitores de Ellen White como grupos. Os indivíduos dentro desses grupos podem variar amplamente em suas atitudes e práticas cristãs. Mas, em média, há uma impressionante diferença.

Estas descobertas devem levar os pastores e dirigentes de igreja a incentivar e promover o estudo regular dos escritos de Ellen White. A Igreja é especialmente incentivada a buscar meios de envolver os membros mais jovens e os conversos mais novos neste estudo. Pois o futuro da Igreja depende destes grupos, e são eles, precisamente, que no tempo presente estão menos empenhados no estudo dos escritos de Ellen G. White.

# Obra Pastoral

**Roy Allan Anderson**

Foi por muitos anos diretor da revista  
Ministry e secretário da  
Associação Ministerial da Associação Geral



# Falai Benignamente a JERUSALÉM

O cristianismo veio ao mundo num tempo em que a filosofia e a razão exerciam o poder supremo. As religiões dos gregos e romanos eram pouco mais do que um foco de controvérsias. O argumento universal, mesmo na praça do mercado, era amor e paz, mas havia pouco amor e menos paz. Sob muitos aspectos era um mundo agitado e sem amor. O conforto era algo quase desconhecido, exceto para os abastados, os quais eram os únicos que podiam usufruir as comodidades que possibilitavam o conforto.

Um dia, então, um homem chamado Jesus penetrou nesse emaranhado de idéias e debates. Ele desafiou todo conceito de mera sabedoria humana. Habitou entre os homens como o maior Mestre que o mundo já conheceu. E fez mais do que ensinar: Ele viveu Sua mensagem. Não arrazoava com os filósofos: simplesmente os amava. Também amava os pobres e os proscritos.

Ele era Deus na carne. Os homens ou O odiavam violentamente ou O amavam ardorosamente. Alguns O chamavam de impostor, blasfemo, possesso do demônio; mas outros sabiam que era o Filho do Deus Vivo. Aos que se apegavam a Suas palavras, Ele dizia: "Vinde a Mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas." S. Mat. 11:28 e 29.

Ele veio dar descanso espiritual. Os que atenderam a Seu conselho e mais tarde foram batizados por Seu Espírito transtornaram o mundo. Ele deu uma nova dimensão à vida. E pouco antes de partir para retornar a Seu Pai — o grande Deus do Universo — Ele disse: "Vou para o Pai", contudo "não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros." Além disso, "o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. Deixo-vos a paz, a Minha paz

vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize'.

Seus ensinamentos, cheios de conforto e compaixão, suscitarão as influências que edificaram a Igreja cristã. Eles ocasionaram nova compreensão entre os homens e as nações, e aonde quer que vá o Seu evangelho, os resultados são estupendos. Amor e paz, que o mundo pré-cristão debatia filosoficamente, tornaram-se uma extraordinária realidade na vida de todos os que aceitaram os ensinamentos de nosso Senhor.

Neste mundo hodierno dilacerado pela tensão, nós também necessitamos de um ministério de Conforto. Nosso mundo está cheio de temor, e muitos, torturados e atormentados por inominável temor, são incapazes de analisar seus próprios problemas. Vencidos por uma tirania interior, não têm segurança. Anseiam por alguém que lhes descubra os complexos ocultos e os liberte. Necessitam de conselheiros sábios e compreensivos, de pessoas que conheçam o significado interno do conforto.

Um dos títulos proféticos de Cristo é: "Maravilhoso Conselheiro." De que maneira gloriosa Ele cumpriu essa perdição! Verdadeiramente, era o "Deus forte", cuja palavra dominava os ventos e as ondas, e em cujas mãos foi o pão multiplicado para alimentar milhares de famintos; mas Ele era, com maior frequência, o Conselheiro, falando calmamente a uma única alma, deslindando o emaranhado fio da vida, e libertando-a. Era de fato um Maravilhoso Conselheiro! Ele Se "compadecia do ignorante e dos que estavam fora do caminho". E a compaixão é a base de toda a verdadeira moralidade.

O povo sofre de toda espécie de complexos. Incapazes de compreender a si mesmas, muitas pessoas que de outro modo são boas, com frequência são espiritualmente anormais e mal-ajustadas. Precisam de alguém que as livre da contradição de sua própria natureza. E

quando encontram alguém que as pode entender, a ele são atraídas como a um ímã. Este é o motivo de o povo correr para Jesus. Ele os compreendia. Tomava tempo para lhes estudar as necessidades. Era Amigo dos que não tinham amigos. Tinha uma técnica simples mas maravilhosa para ajudar o aflito e oprimido.

### Jesus Libertava os Homens

“Os aflitos que iam ter com Ele, sentiam que ligava com os próprios, o interesse deles, como um terno e fiel amigo, e desejavam conhecer mais das verdades que ensinava. O Céu era trazido perto. Anelavam permanecer diante dEle para terem sempre consigo o conforto de Sua presença.” — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 231.

Era a Sua amigável simpatia que lhes cativava o coração e elevava o espírito. “Ao conduzir almas a Jesus, deve haver conhecimento da natureza humana e estudo da mente humana”, diz Ellen White (*Review and Herald*, 10 de outubro de 1882, pág. 625).

Esse conhecimento da natureza humana, junto com o conhecimento de Deus, é o maior conhecimento que o homem possui. Muito maior preparo e infinitamente maior habilidade são requeridos para ler uma mente do que para ler uma folha de balanço. Foi declarado a respeito do Mestre: “Ele/ os conhecia a todos. E não precisava de que alguém Lhe desse testemunho a respeito do homem, porque Ele mesmo sabia o que era a natureza humana.” S. João 2:24 e 25. A tradução de Moffatt reza: “A todos conhecia, e não precisava de evidências de ninguém quanto à natureza do homem; Ele conhecia muito bem o que havia na natureza humana.”

Jesus veio como uma nova revelação de incomparável poder moral. Veio para recriar o homem mental, física, social e espiritualmente. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”, disse Ele (S. João 10:10). No Seu ministério a vida tocava a vida, a chama acendia outra chama. Contudo, Ele não era uma personalidade que dominava o povo. “Sua palavra era com autoridade”, mas Seu poder era o que levantava o homem. Levantava-o do pó do desânimo, da desilusão, da doença, e até mesmo da morte. Quando Se movia por entre a multidão, estava “cheio de graça e verdade”. Proferia palavras de graça e sabia como proferi-las atraentemente. “Todos... se maravilhavam das palavras de graça que Lhe saíam dos lábios.” S. Luc. 4:22.

Graça é mais do que um dever cumprido. É a maneira de cumprir um dever. A gentileza pode ser cultivada. Mas a benignidade é a expressão não restringida de uma alma que se esquece de si mesma. Jesus não foi enclausurado em algum lugar inacessível; movia-Se no meio do povo; entre todas as espécies de pessoas — tanto entre os membros da igreja como entre os proscritos. Chamavam-no “amigo dos publicanos e pecadores”. Isso era verdade, pois realmente era Amigo deles.

Ele veio para libertar o homem de suas maneiras acanhadas e restritas de pensar. E, como Seus embaixadores, devemos seguir-Lhe as pisadas. Eram os fariseus um grupo muito singular. Formas e cerimônias, tradições e códigos, o que comiam e como se lavavam, constituíam grande parte de sua religião. Quão revolucionário deve ter parecido quando Jesus disse: “Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas, o que sai do homem é o que o contamina.” S. Mar. 7:15. Ele não estava, porém, dando ao homem permissão para comer e beber toda e qualquer coisa. Ele mesmo recusou uma droga paliativa, quando estava morrendo na cruz. Queria, porém, salientar que o homem é mais contaminado pelo que pensa e diz, do que pelo que come e bebe.

### A Influência da Mente Sobre o Corpo

Tem a mente maior influência sobre o corpo do que muitos pensam. Não somente as boas combinações de alimentos, mas as boas combinações de pensamentos fazem parte da verdadeira reforma pró-saúde. *You Are What You Eat* (“Vós Sois o que Comeis”) é o título de um livro sobre o assunto do regime alimentar, e isso, até certo ponto, é certo. Mas a Escritura diz: “Como imagina em sua alma, assim ele é.” Prov. 23:7. As pessoas fazem as coisas que fazem porque pensam as coisas que pensam.

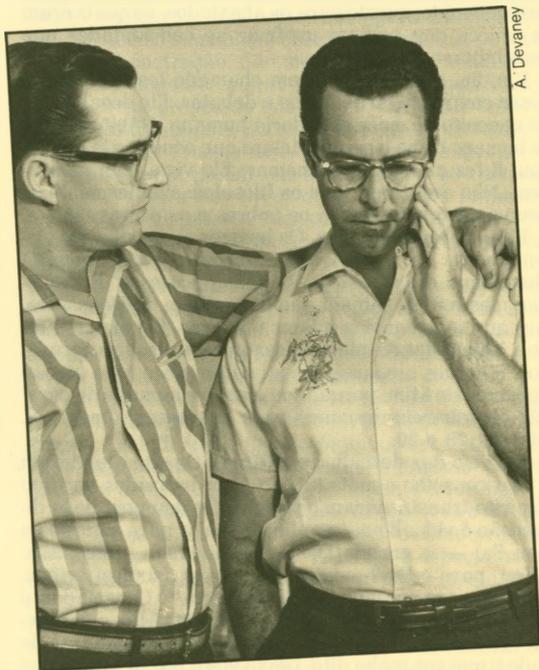
Milhões hoje em dia pertencem a uma geração que virtualmente voltou as costas a Deus. Muitos estão nas garras do temor, sendo torturados e atormentados por seus próprios pensamentos. Tendo perdido de vista a Deus em sua vida, ou não O conhecendo, não sabem para onde se virar em busca de segurança.

Certo escritor apresenta o caso de maneira muito clara quando diz: “Somente os ‘iniciados’ podem compreender os incontáveis temores, os fantasmas e duendes que olham pelas janelas a dentro de espíritos tão angustiados. Podem eles ser imaginários e talvez mais tarde possamos rir-nos deles, mas são suficientemente reais enquanto perduram.”

Então ilustra o ponto com a história de um homem idoso que, repentinamente, verificou certa noite estar num cemitério, e fugindo precipitadamente caiu sobre as lajes dos sepulcros e se arranhou terrivelmente entre as sarças e arbustos. No dia seguinte, ao ouvir alguém sua história, disse-lhe sorrindo: “O Senhor não sabe que os fantasmas não lhe podem fazer mal?” “Eu sei isso — respondeu a vítima — mas eles podem fazer a gente machucar-se a si mesmo.”

### Todos Necessitam de Orientação e Simpatia

Não é o problema real, mas o problema aparente, que com maior freqüência aflige essas almas infelizes. Censurar as pessoas, ou, pior ainda, ridicularizá-las por seus temores imaginários, não resolve o problema. O que elas necessitam é de uma alma bondosa, compassiva, suficientemente sábia para ajudá-las a analisar seus problemas, bastante paciente para auxiliá-las



A. Devaney

a pôr um novo fundamento sobre o qual erigir um templo de paz. Tal conselheiro e consolador precisa ser sadio espiritualmente, intelectualmente sã, habilitado fisicamente, e socialmente irrepreensível.

Mas o que está abalado dos nervos e o que está fisicamente alquebrado não são os únicos que necessitam de conselho. Nossa juventude também necessita de orientação. As três decisões mais importantes da vida de uma pessoa jovem são: decidir-se em favor de Deus, decidir sua vocação, e decidir quem deve ser seu companheiro na vida. Essas descobertas não são fáceis de fazer, e a última não é menos importante. Nós as colocamos nesta ordem porque geralmente seguem esta sequência. Os jovens navegadores nem sempre estão inquiridos de quão traiçoeiros são os mares em que estão velejando. Necessitam de um piloto, de alguém que os guie, de alguma alma bondosa que os possa ajudar a fazer estes três ajustes na vida. Cada igreja necessita de uma clínica para conselhos vocacionais e sociais. E tal conselho deve ser acessível, capaz, digno de confiança e razoável. Talvez o pastor não esteja habilitado a cumprir todos esses requisitos, mas deve estar suficientemente familiarizado com os problemas para saber onde conseguir o auxílio de que seu povo necessita.

Então há os mais idosos, que necessitam de orientação. Com as mudanças tecnológicas que ocorrem tão rapidamente, é difícil para as pessoas idosas acompanharem os novos desenvolvimentos. Ademais, muitos

não tiveram as vantagens educacionais das gerações mais novas. Outra causa de desajuste é a rápida transição de uma sociedade agrária para uma sociedade industrializada. Muitas pessoas, especialmente as mais idosas, começaram a vida numa zona rural, mas hoje se encontram numa zona urbana, num ambiente diferente do seu antigo preparo e experiência. Na própria época em que a ciência tem tornado possível mais pessoas ficarem mais velhas, as mudanças nas normas básicas de nossa cultura estão trazendo dificuldades para os de mais idade.

Então há muitas almas solitárias que perderam seu companheiro ou companheira na vida. Agora o futuro tem pouco interesse para elas. Ouvem as vozes agora silentes, e na quietude da noite suas orações ascendem a Deus em busca de auxílio e conforto.

Como embaixadores Seus, devemos lidar bondosamente com as pessoas idosas, com o que está solitário e com os entristecidos. Essas personalidades vencidas, atormentadas por tensões e conflitos, precisam conhecer a presença permanente de Deus. Precisam de nosso cuidado especial. Com quanta frequência, porém, os que mais necessitam de amor e simpatia são os que menos recebem! Talvez seja porque os mais necessitados freqüentemente se encontram em tal situação que quase não podem retribuir. Portanto, o resultado natural é serem negligenciados. Mas é privilégio do pastor ajudar essas almas desafortunadas a se tornarem uma parte da comunhão do serviço.

# 10 Sugestões Para os Conselheiros

## 1. Nunca pareçais impacientes.

Jesus sempre estava ocupado, mas nunca tão ocupado que não pudesse falar com uma alma atribulada. Embora seja sensato contar nosso tempo, são as almas mais preciosas do que ele. "Melhor é salvar uma vida que economizar um minuto." Quantas almas sensíveis têm sido abaladas pela atitude inquieta e impaciente daquele a quem se dirigiram em busca de conselho! Consultar o relógio cada um ou dois minutos, enquanto fala com uma alma atribulada, é coisa imperdoável. O Mestre, que podia passar todo o dia com uma alma necessitada e toda a noite com um príncipe da sinagoga, foi quem disse: "Não há doze horas no dia?" A Escritura diz: "Aquele que crê não se apresse."

## 2. Sede compassivos.

As almas atribuladas necessitam de simpatia — tanto de ouvidos compassivos como de palavras de simpatia. E às vezes tudo que se necessita é de uma compassiva audiência. "O Senhor nunca saberá quanto me ajudou", disse uma alma aflita no fim de uma entrevista de três horas. No entanto, tudo que eu fizera fora ouvir com simpatia. Eramente enunciara uma palavra, mas era evidente que o jogo se tornara suave e o fardo leve. Era a simpatia do Salvador que Lhe dava acesso aos corações. Lemos em *Tetimonies*, volume 9, página 30: "A verdadeira expressão de piedosa simpatia, dada com simplicidade, tem poder para abrir a porta dos corações que necessitam do toque simples e delicado do Espírito de Cristo."

Profunda tristeza sobreveio certa noite a um lar cristão — uma menina de menos de dois anos de idade morrera. Na manhã seguinte, a irmã mais velha, que contava seis anos de idade, correu para sua professora da Escola Sabatina, que não morava muito longe dali, e banhada em lágrimas disse: "Oh, professora, uma coisa terrível aconteceu na noite passada — minha irmãzinha morreu. E eu vim aqui para que a senhora chore comigo." Ela sabia para onde se dirigir em busca de verdadeiro conforto e simpatia. É um dom maravilhoso ser capaz de chorar com os que choram.

## 3. Sede bons ouvintes.

Ouvir é uma arte que todo conselheiro deve cultivar. É mais fácil para o pastor pregar do que ouvir, porque pregar centraliza-se no pregador, ao passo que ouvir centraliza-se no paroquiano. Ser bom ouvinte requer paciência, coragem e discrição. "Um dos maiores valores de um conselheiro é o de saber bastante para guardar silêncio", assim escreveu um amigo noutra dia. E ele está certo. "O conselheiro precisa estar familiarizado com o silêncio."

A verdadeira arte de aconselhar é a habilidade de fazer as perguntas certas, no tempo certo e de modo certo. Mas a única razão de fazer as perguntas é obter as respostas. A resposta pode dar-vos o fio do problema. "Nada fiz senão ouvir", respondeu alguém que estava surpreso quanto à mudança de atitude da parte de alguém que ele estava procurando ajudar. Não somente era essa a melhor coisa a fazer; era a única coisa a fazer. Treinar-nos para ouvir de maneira criativa é vital ao êxito.

Se alguém pode ouvir passivamente (em silêncio), então ativamente (fazendo perguntas sábias), e depois de maneira interpretativa (explicando as causas fundamentais), está habilitado a dar a segurança tão necessária no tempo da dificuldade.

#### 4. Sede observadores.

Observai para obter indicações. A chave de todo o problema pode revelar-se em algum pequenino ato ou atitude. Saber como penetrar no coração, é uma ciência, e uma ciência que vale a pena estudar. "Jesus observava com profundo interesse as mutações na fisionomia dos ouvintes." — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 231. Ele estudava, e sempre podia pôr o dedo no fator determinante. Ao lidar com o povo, lembrai-vos de que a única lei digna de confiança na natureza humana, é a de que não há lei em que se possa confiar. Estai, portanto, prontos para qualquer coisa.

#### 5. Sede generosos.

Lembrai-vos de que todas as dificuldades são grandes para aqueles que com elas estão relacionados. Não menosprezeis o problema pondo-o de lado, como se pouca importância tivesse. É certo analisá-lo e ajudar a alma atribulada a vê-lo na devida luz, mas exibir um ar de superioridade e dar a impressão de que toda essa coisa é insignificante, significa fracasso. Não fora ela grande para a pessoa envolvida, e nunca a teria trazido ao pastor. A atitude de indiferença somente fere e levanta uma barreira. E o conselheiro bondoso dará a impressão de que, pelo menos no momento, é esta a coisa mais importante e mais crítica do mundo. Nunca indicará por um ato, e nem mesmo por um ligeiro olhar, que isso está fora de sua cogitação. Jesus declarou que nosso Pai celestial Se interessa até mesmo pela morte de um pardal.

#### 6. Nunca pareçais assustados.

Por mais estranha e confusa que seja a situação, nunca deis a impressão de que é particularmente fora do comum. A natureza humana age às vezes de maneira estranha, mas o conselheiro pode consentir em ser cego para com algumas coisas. Pendendo da parede de minha sala de estudos, há um quadro desenhado por meu irmão artista antes que ele perdeu a vida servindo a seu país. É o quadro de uma meninazinha que acaricia uma boneca quebrada, com afeição infantil. É um pobre caco de boneca — não tem cabelo, só tem uma perna e a metade de um braço. No entanto, ocupa um lugar especial em seu coração. Por baixo estão as significativas palavras: "O Amor é Cego." Que verdade!

#### 7. Demonstrei prontidão em partilhar das dificuldades.

Lembrai-vos de que as dificuldades não partilhadas minam a alma. Davi disse: "Enquanto eu me calei, envelheceram os meus ossos." Com quanta frequência se dá que quando alguém começa a explicar suas dificuldades, na realidade ele as afugenta! Partilhá-las torna-se diáfanos. O temor de assombração desaparece quando alguém tenta traduzi-lo em palavras. Sua própria incerteza é sua força. Visto que os temores são mal definidos, parecem terríveis. Mas são destruídos ao serem partilhados.

#### 8. Jamais quebreis um segredo.

Nada é mais desanimador do que o indivíduo que

não pode guardar um segredo. Pode haver ocasiões em que a informação deva ser partilhada com outros. Mas nunca divulgueis um segredo *sem primeiro obter permissão*. "Bem, que devo fazer com essa informação incriminadora?" disse eu, depois que uma alma acabou de falar, desabafando o coração. "Oh, não diga nenhuma palavra", disse ela. "Mas, se eu guardar silêncio, o problema nunca será resolvido", respondi-lhe. "Oh, faça o favor de guardar o meu segredo. Não deixe ninguém saber", foi o pedido de sua alma. "Dei-lhe minha palavra", disse-lhe eu, "e me pode manter sobre essa promessa enquanto quiser. Mas eu devia transmitir essa informação, se é que esperamos melhorar a situação." Então lhe fiz uma sugestão. "Oremos agora sobre esta questão", disse-lhe eu", e deixarei com a senhora dizer-me quando posso transmiti-la. Nós ambos oramos. No dia seguinte, ela voltou, dizendo: "Estive orando sobre essa questão, e vejo tudo isso agora justamente como o Senhor. Pode usar a formação quando e da maneira que julgar necessário." Eu o fiz; e essa informação evitou uma dupla tragédia. Mas, até ter permissão para revelar a história, era meu dever guardar seu segredo. A capacidade de guardar um segredo inspira confiança.

#### 9. Vede além do problema atual.

O verdadeiro pastor-conselheiro não vê a pessoa em seu estado presente, e, sim, como poderá estar sob a graça de Deus. Vê naquele que a ele se achega não uma alma espezinhada, desanimada, ferida pelo pecado, mas antes uma alma que pode, sob o impacto da graça divina, tornar-se um santo de Deus; e, como um verdadeiro médico espiritual, começa a aplicar ao coração ferido o bálsamo de Gileade.

"Em cada ser humano, apesar de decaído, /Cristo/ contemplava um filho de Deus, ou alguém que poderia ser restaurado aos privilégios de seu parentesco divino. ... Em cada ser humano Ele divisava infinitas possibilidades. Via os homens como poderiam ser, transfigurados por Sua graça — 'na graça do Senhor nosso Deus'. (Sal. 90:17). Olhando para eles com esperança inspirava-lhes esperança. Encontrando-os com confiança, inspirava-lhes confiança. Revelando em Si mesmo o verdadeiro ideal do homem, despertava para a consecução deste ideal tanto o desejo como a fé." — *Educação*, págs. 79 e 80.

#### 10. Reconheci a dignidade da personalidade humana.

Ao passo que sentis a gravidade do problema ou a aparente falta de esperança de uma situação, tende a certeza de não demonstrar por uma palavra, ou mesmo pelo tom da voz, que a pessoa está fora de esperança. Um dos grandes segredos do êxito do Salvador era Sua habilidade em inspirar esperança no abatido e no carregado de pecados. Por mais afundado que alguém possa estar no pecado e na devassidão, deve o conselheiro determinar-se a inspirar confiança. Quanto à obra do Salvador, lemos: "Em Sua presença reconheciam as almas desprezadas e caídas que ainda eram homens, e almejavam demonstrar-se dignos de Sua consideração." O Espírito de Deus pode despertar em corações que parecem mortos para todas as influências santificadas o desejo de alcançar uma nova vida. Devemos estudar como inspirar confiança em si mesmos, e especialmente no Deus vivo.

O Mestre via as pessoas, não como eram, e, sim, como poderiam ser por Sua graça.

Victor Cooper

Diretor Associado do Departamento de Comunicação da Associação Geral

# O Servo Dirigente

**O** que as congregações esperam de um pastor? Que espécie de pastor é procurado por elas?

A Associação de Escolas Teológicas nos Estados Unidos e Canadá patrocinou um projeto de três anos, o qual constatou que as congregações locais têm três grandes expectativas no tocante a seu pastor.

*Primeira:* Elas esperam que o pastor esteja disposto a servir sem dar atenção a aplausos.

*Segunda:* Elas esperam integridade e fidedignidade pessoal. Esperam que ele honre seus compromissos e cumpra suas promessas, mesmo sob pressão para transigir.

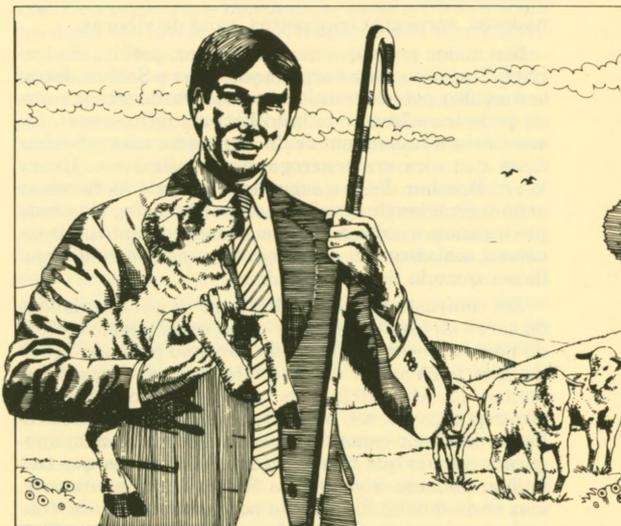
*Terceira:* Elas esperam que ele seja um exemplo cristão ao qual possam respeitar.

E onde as congregações locais encontram semelhantes modelos humildes, honestos, fidedignos e cristãos? Elas os encontram entre os que, como o Mestre, estão dispostos a dar a vida pelos irmãos (ver I S. João 3:16).

A função essencial de um pastor não é a de dominação, e, sim, de serviço. O papel de servo era bem compreendido na Inglaterra do século dezanove. Durante grande parte de sua vida meus antepassados estiveram "a serviço". Meu pai e meu avô foram cavalheiros agricultores para Lorde Cholmondeley, em Siseley Oak Farm, Malpas, Cheshire. A mãe de minha esposa prestava bons serviços em Londres; sua avó era cozinheira em Leeds Castle. Elas nos diziam freqüentemente que naqueles dias a principal posse de um servo era o seu "caráter". Se a pessoa perdesse o seu "caráter" e não pudesse ser recomendada por seu patrão, perdia a capacidade de conseguir um emprego e estava condenada a ficar sem recursos num país que não tinha previdência social.

Por conseguinte, todos os que estavam empregados eram compelidos a prestar bom serviço. Alguns talvez procedessem servilmente, adulando e bajulando para obter favor, mas todos cultivavam o desejo de agradar. Em *Akenfield — a Portrait of an English Village*, Ronald Blythe descreve o serviço de Christopher Falconer, o jardineiro, dizendo: "Seus modos são rápidos e previdentes. Há nele uma espécie de anseio para dar, para ajudar, para facilitar as coisas."

Os que viviam num nível menos elevado aprendiam da aristocracia a ser corteses e a ter esmerada consideração pelos outros. Eles se tornavam delicados, afá-



veis e atenciosos. Eram polidos e refinados. Cultivavam a arte de ser autênticos cavalheiros e damas. Os que ocupavam posições "inferiores" captavam as maneiras daqueles que viviam num plano mais elevado — e hoje em dia os servos dirigentes e cristãos fazem a mesma coisa. Contemplando somos transformados!

Jesus tratou do problema de falsos dirigentes de igreja. Ele os descreveu como mercenários (segundo está relatado em S. João 10), como pessoas que seguem as ordens de outro indivíduo sem outro interesse que não a paga. Eles sempre estão prontos a tosquiar as ovelhas. Em vez de enfrentar os problemas da congregação local, eles perguntam: "Como posso livrar-me deste problema? Como posso elaborar uma transigência?" Longe de estar dispostos a depor a vida pelas ovelhas, eles buscam os seus próprios interesses.

Outra descrição dessa espécie de dirigentes de igreja se encontra em S. Mateus 23, onde eles são caracterizados como estando interessados na aparência, na ostentação, na simulação. Apresentam-se como genuínos e têm um aspecto muito agradável. São, porém, hipó-

critas e afetados, pretendendo ser piedosos e virtuosos, sem realmente ser assim. Enganam a outros quanto ao seu verdadeiro caráter e sentimentos. Fazem longas orações — na igreja, é claro! Exploram os pobres e necessitados e devoram as propriedades das viúvas. Gostam de ser cumprimentados respeitosamente na rua como “rabi” ou “mestre”. Jesus advertiu, porém, que não devia ser assim. (Que será que Ele diria hoje de nossa fascinação por títulos e graus honoríficos?)

“Rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito”, Ele declarou, referindo-Se evidentemente aos que dispõem de orçamentos de viagem. “Sois, porém, guias cegos. Vosso ensino não resiste à prova da razão. Dizeis que podeis jurar pelo santuário, mas não pelo ouro do santuário. Hipócritas! Pagais o dízimo da hortelã, do endro e cominho; tendes, porém, passado por alto... a justiça, a misericórdia e a boa fé. Coais um mosquito, mas engolis um camelo!” (Ver os versos 23 e 24.)

Pensais que o Senhor diria estas mesmas coisas a alguns de Seus dirigentes de igreja na atualidade? Nossas prioridades se equiparam às Suas, ou passamos a maior parte do tempo coando mosquitos, preocupando-nos com minúcias e fragmentos, e negligenciando nossa principal ocupação: comunicar o âmago do evangelho?

No fim dessa passagem, nosso Senhor dirige o olhar para esses sábios e mestres tão completamente empenhados em escrúpulos e ninharias, e os chama de enganadores, serpentes traiçoeiras, raça de víboras.

Seu maior problema não parece ser, porém, tão terrível. Eles são apenas orgulhosos! Mas o Senhor detesta o orgulho, pois ele transformou anjos em demônios, e ainda pode transformar infinito bem em infinito mal. Esses clérigos tinham um ar de dignidade, mas o Senhor disse que eles eram arrogantes e inflexíveis. Henry Ward Beecher disse o seguinte: “Quando as flores se acham repletas de orvalho que desce do céu, elas sempre inclinam a cabeça. Mas os homens, quanto mais recebem, mais erguem a cabeça, tornando-se mais orgulhosos quando ficam cheios.”

Em contraste com isso, olhe para os característicos do servo dirigente que toma como seu exemplo o Filho do homem, Jesus Cristo, “que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (S. Mat. 20:28). Os quatro cânticos de Isaías, nos capítulos 42, 49, 50 e 53, retratam nosso Mestre-Servo. Ele “não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja” (cap. 42:3). Acha que trabalhou debalde e gastou as forças inútil e vãmente, mas cada manhã Ele acorda para ouvir a voz de Yahweh, e presta atenção como um discípulo (cap. 49:4; 50:4). É desprezado e rejeitado, oprimido e humilhado, mas guardou silêncio diante dos que O condenavam. Cheio de pesar, reconhece que isso faz parte do plano do Senhor, e finalmente fica satisfeito porque, em virtude de Seu ministério de sofrimento, muitos serão considerados justos (cap. 53:3, 7, 10 e 11).

E assim, à semelhança do Mestre, o servo dirigente, na atualidade, atende ao lastimoso clamor — sofrendo com os que têm o coração quebrantado, empatizando, ajudando a suprir as necessidades e labutando com afinco no cumprimento de seus deveres.

Como Filipe, ele é submisso à direção do Espírito de Deus.

Como Maria, está disposto a sentar-se aos pés de Jesus.

Como João, está pronto a permanecer bem perto de Jesus.

E como seu Mestre, é sensível aos sentimentos dos outros, afligido por suas debilidades e imperfeições, e movido de compaixão pelos membros de sua igreja. Fica preocupado com seus lares despedaçados, com o

contínuo poder do pecado em sua vida, com sua falta de interesse no estudo das Escrituras e em assistir à Escola Sabatina e aos cultos, com sua morndião, com sua falta de poder e vigor espiritual, com sua mentalidade tacanha, com seu espírito de crítica e legalismo, com sua má compreensão dos grandes princípios do evangelho, e com sua falta de certeza no tocante à salvação. Em face, porém, de tudo isso, devido ao seu irresistível amor pelo Mestre e porque alegremente se considera escravo de Cristo, continua a trabalhar incansavelmente para produzir reconciliação e redenção na vida de todos aqueles a quem procura servir.

Nossa Igreja está voltada para tais servos dirigentes — assalariados e não assalariados — bondosos, nobres, generosos e cristãos. É a bondade, a compaixão e o amor que mantêm unidas as famílias que compõem nossas igrejas. A Igreja não floresce devido aos projetos de seus administradores ou devido às promoções de seus departamentos, mas pelo mútuo afeto e lealdade de seus membros. É o mais profundo amor pelo Senhor que inspira as mais nobres ações cristãs. A Igreja necessita de organização — de organização bem desenvolvida, eficiente e progressista — mas só para auxiliar os que são pessoalmente dedicados ao Senhor. A dedicação particular precede a atividade pública.

**O cerne do evangelho, e não coisas de importância secundária, deve constituir a tônica da pregação dos arautos da verdade. O inimigo se beneficia quando nos demoramos em assuntos que poderíamos ser abreviados ou encerrados mais cedo.**

Que é, então, que o Senhor requer dos servos dirigentes? “Que pratiquemos a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Miq. 6:8).

A humildade é tão mal-compreendida! Não consiste em ser tímido, retraído, inepto, ou medrosos. Tem que ver com o contentamento. André Murray definiu-a desta maneira: “Humildade é perfeita tranqüilidade de coração. É não sentir nenhum aborrecimento. É nunca ficar agastado, irritado, ressentido ou decepcionado. É não esperar nada, nem admirar-me de coisa alguma que me façam. É estar em paz quando ninguém me elogia, e quando sou acusado ou desprezado. É ter uma bendita morada no Senhor, aonde eu posso entrar, fechar a porta e ajoelhar-me secretamente diante de meu Pai, e estar em paz no profundo mar de calma, quando tudo ao redor e em cima se acha agitado.”

O servo dirigente está a serviço. Ele nunca pensa nalguma outra coisa. Não tem nenhuma outra ambição. Está contente com a sua sorte. Horácio Bonar expressou-o desta maneira:

“Vá, e continue a labutar;

Gaste-se, e deixe-se gastar.

Sua alegria é fazer a vontade do Pai;

Este foi o caminho seguido pelo Mestre,

E convém que seja trilhado pelo servo.”

# Invertendo a Cerimônia Fúnebre

Quando uma esposa de quarenta anos de idade, mãe de três filhos, faleceu num acidente ocorrido de madrugada, o choque, a dor e a inesperada ruptura oprimiram a família. Ao fazer os preparativos para a cerimônia, o diretor do funeral e eu sentimos que essa família precisava estar inteirada das realidades da trágica morte. Como podíamos ajudá-la a passar da sua subitaneidade para alguma aceitação da realidade da perda que haviam sofrido? Combinamos fazer uma visita ao lar enlutado, mas parecia que necessitávamos de tempo junto à sepultura. Por que não realizar a cerimônia no cemitério antes da cerimônia na igreja? Acharmos que essa ordem incomum era exatamente o que aquela família necessitava.

Se a sua reação for idêntica à da maioria dos pastores, você dirá: "O quê?! Inverter a ordem tradicional dos funerais e realizar a cerimônia junto à sepultura antes da cerimônia na capela mortuária ou na igreja?" Foi exatamente isto que resolvemos fazer no caso que acabamos de citar, e estou persuadido, pelos funerais que realizei depois dessa ocasião, que este processo geralmente é o mais útil. Ao planejar a cerimônia, as famílias têm acolhido favoravelmente a idéia, e, mais tarde, esses indivíduos dizem algo positivo e agradável sobre a inversão da ordem na cerimônia fúnebre.

A família cuja esposa e mãe falecera tão repentinamente reuniu-se no cemitério quando o corpo já estava colocado sobre a sepultura. Depois de uma breve cerimônia de entrega, solicitei que houvesse expressões dos membros da família. Uma filha cantou "Memories" (Recordações), e a família participou do canto junto com ela. A filha de dezessete anos de idade falou do amor que recebera de sua mãe, e de seu próprio amor para com ela. O marido discorreu sobre a perda que sentia e sobre sua gratidão pelo amparo prestado por familiares e amigos. O padrasto deu um testemunho espiritual da vida em Cristo e expressou sua esperança na reunião da família na vida por vir. A cerimônia ao lado da sepultura foi uma genuína proclamação de cordialidade humana, solicitude e manifestação de fé.

Quando fomos do cemitério para a igreja, estávamos preparados para uma cerimônia de reminiscências e ações de graça. A família, colegas, vizinhos e amigos participaram juntos desse serviço de gratidão que se tornou uma celebração da ressurreição. Sem a necessidade de partir dessa cerimônia para o cemitério, a família pôde permanecer mais tempo nesse local e trocar algumas palavras e cumprimentos com todos os que tinham assistido ao culto. Eles se abraçaram e conversaram. Foi uma ocasião de amor, de companheirismo e de genuína solicitude.

A inversão da ordem costumeira pareceu funcionar tão bem nesse caso que decidi adotar um processo similar quando ocorreu a morte de um jovem advogado vitimado pelo câncer. Convidei todos os que preten-

diam assistir à cerimônia rememorativa para comparecerem primeiro à cerimônia no cemitério. Além dos componentes de sua firma, também se achavam presentes os membros do Rotary Club e diversos clientes, como demonstração de pesar pela perda de seu amigo e colega. Sua jovem viúva era uma professora muito estimada por seus alunos. Eles sentiram falta de sua presença na sala de aula durante as últimas semanas e estavam inteirados de sua aflição. Essas crianças também compareceram ao cemitério. No fim da cerimônia, cada membro da comunidade, cada aluno da escola e cada membro da família colocou pétalas de rosas sobre o caixão. Agora eles estavam preparados para retornar à igreja, a fim de realizar uma cerimônia de testemunho da ressurreição. O cordial e afetuoso período de comunhão que se seguiu habilitou as pessoas a se cumprimentarem e deu tempo para que os parentes procedentes de outros Estados se comunicassem com amigos na comunidade. A viúva indicou mais tarde que esse período de companheirismo após a cerimônia rememorativa na igreja foi uma das experiências mais confortadoras de todo o funeral. Ela pôde passar algum tempo com pessoas que se preocupavam com ela e a amavam. Ir apressadamente para o cemitério depois da cerimônia na igreja certamente a teria privado de uma parte desse conforto necessário.

Finalmente, tive a oportunidade de usar esta idéia com uma família que nunca experimentara a morte antes disso. Um jovem morrerá tragicamente num acidente automobilístico de manhã cedo. Em seu acabrunhante pesar, eles queriam apenas um culto simples, só para a família imediata, e não para os amigos, sócios comerciais ou colegas. Não podiam partilhar sua tristeza; ela era demasiado pessoal e dolorosa. Era necessário algum aconselhamento pastoral para ajudá-los a compreender que precisavam ajudar a outros, bem como lenir o pesar que sentiam por essa perda. Que diria o pai a seus colegas nos negócios quando retornasse ao trabalho? Eles precisavam ser capazes de condoer-se dele na capela. Os colegas de aula do rapaz falecido não podiam passar pela subitaneidade dessa perda sem algum meio para absorver a realidade da morte de seu amigo. Afinal a família consentiu em ter a cerimônia ao lado da sepultura, antes do culto rememorativo na capela.

Quando a família chegou ao cemitério, a sombria realidade da morte de seu filho se achava presente. Era uma ocasião aflitiva para eles. Após a cerimônia, eles retornaram à capela do necrotério para o culto rememorativo. Ali eles encontraram cordialidade da parte dos amigos. Os colegas de aula do rapaz se achavam presentes; o rosto de cada um deles tinha o aspecto de uma montanha situada ali por perto — sem nenhum movimento — até que esses jovens se puseram a chorar ao partilharem suas experiências uns com os outros no pórtico da capela, após o culto. Se houvessemos saído de lá imediatamente para ir ao cemitério, não teríamos tido esse período de acomodação.

O quê?! Realizar a cerimônia no cemitério antes do culto rememorativo? Sim. Depois que o corpo foi colocado em seu lugar de descanso, em meio do frio do inverno, da chuva ou do calor, ou talvez até num belo dia, dirigir-se à igreja ou à capela com expectativas de tranqüila meditação, leitura de passagens bíblicas e momentos de culto, ajuda a família a passar das realidades físicas para as confirmações espirituais e emocionais da fé e do conforto. Depois da cerimônia eles se encontram com os amigos e a família numa atmosfera impregnada de consolo e solicitude. Necessitam de cordialidade humana, amor e certeza de constante amparo mútuo. Creio que isto sucede melhor quando a cerimônia de sepultamento precede o culto rememorativo.

**Neal A. Kuyper**

*Diretor do Serviço de Aconselhamento Presbiteriano, em Seattle, Washington, EE.UU.*

# Não mais Caixas de culpa!

**Arlys Walter**

Coordenador de Interessados Para a Associação da Pensilvânia, EE. UU.

**H**á uns dois anos, cerca de 50.000 nomes de interessados provenientes de programas pelo rádio e a televisão e outras fontes ficaram estagnados no que um pastor chamou, um tanto jocosamente, de “caixas de culpa” da Associação da Pensilvânia. Não houve nenhum contato com a maioria deles, e nenhum desses indivíduos fora nutrido espiritualmente para tornar-se membro da Igreja, nem foram supridas as suas necessidades imediatas.

Atualmente, quase todos esses nomes negligenciados são coisa do passado, e os nomes correntes que vão chegando são contatados e nutridos rápida e eficazmente. Na realidade, centenas dessas pessoas que outrora eram negligenciadas estão crescendo no conhecimento da verdade bíblica, ao receberem estudos bíblicos, lerem literatura adventista ou escutarem gravações de acordo com um plano de nutrição espiritual ideado por um adestrado coordenador de interessados local.

Que fez a diferença? Um plano que denominamos “O Programa Coordenador de Interessados”. Este programa desenvolvido na Pensilvânia também poderá ser útil para você.

Os adventistas do sétimo dia são bons para coligir nomes de interessados. Nós os obtemos de todo o tipo de fontes nacionais e locais. Mas, uma vez obtido o nome, com freqüência não sabemos como secundá-lo com contatos inteligentes e de qualidade. Tenho reconhecido isto dezenas de vezes ao ajudar a endereçar envelopes aos nomes em vários arquivos de interessados de igrejas, como preparação para reuniões públicas. Algumas coleções eram guardadas e arquivadas meticulosamente e de modo ordeiro; obviamente, porém, não se fez muita coisa no âmbito do contato. Outros não podiam ser chamados de “arquivo”, mas havia indícios de atendimento. Na maioria dos casos, o sobrecarregado pastor passava os nomes para mim da maneira como os recebera, dando mostras de estar aliviado pelo fato de que *finalmente* estava sendo feita alguma coisa com eles. Seriam convidados para as reuniões, recebendo, portanto, algum “atendimento”.

Mais tarde, enquanto labutava na Voz da Profecia, telefonei para centenas de estudantes da Bíblia — alu-

nos jovens, ávidos e preparados para uma dieta espiritual mais reforçada, e que necessitavam de atenção individualizada. Era-me impossível, da grande distância da Escola Bíblica por Correspondência, conhecer os recursos disponíveis nessa igreja local. Mesmo quando era efetuado o contato, com demasiada freqüência o relatório voltava dizendo que o aluno não estava disposto a aceitar isto ou aquilo, ou não se achava preparado para o batismo. Obviamente, não houvera um encontro ponderado, mas apenas uma atitude de verificação de uma lista de itens.

Em vista de milhares desses contatos, estou persuadido de que quando é recebido um nome através de um programa nacional de rádio ou televisão, há muitos equívocos no âmbito local quanto ao que é solicitado que as pessoas locais sejam responsáveis por preencher e quanto ao que foi atendido pelo referido programa. Só isto explica por que literalmente milhares de pedidos de literatura e estudos bíblicos nunca são atendidos. Na realidade, as situações em que os nomes são contatados e suas necessidades supridas com apropriada nutrição individual, são deveras incomuns. Neste trabalho, as poucas pessoas capazes e dispostas que não se acham extenuadas estão desesperadamente sobrecarregadas. Os sistemas de nutrição espiritual estão inativos ou entravados.

Por esse motivo, a mesa administrativa da Associação da Pensilvânia solicitou, há uns dois anos, que eu elaborasse um programa que melhorasse o número e a qualidade dos contatos de reforço com os interessados de programas de rádio e televisão e outros mais. Este artigo é um relato do Plano Coordenador de Interessados que desenvolvemos e ainda estamos aperfeiçoando. Este plano destina-se a ajudar o pastor e a igreja a secundar o interesse despertado avaliando o grau desse interesse, provendo adequada nutrição espiritual e ajudando os interessados a se unirem à Igreja.

Tradicionalmente, todos os nomes dos interessados têm sido enviados ao pastor. O Plano Coordenador de Interessados torna cada igreja responsável por seu próprio atendimento aos nomes, e promove e incentiva o preparo do pessoal da igreja local para se tornarem competentes na arte e na habilidade de classificar,

avaliar e planejar a nutrição espiritual numa base individual. Nesse processo de crescimento, há uma ocasião propícia para transferir o nome ao pastor, para a preparação final do interessado, a fim de que se una à Igreja.

O eficaz atendimento dos nomes de pessoas interessadas abrange quatro setores: fazer o contato, avaliação, nutrição planejada, e coordenação e trabalho de escritório. Foi elaborado um vigoroso programa de adestramento para atender as necessidades de cada setor. É importante que o preparo para todos os quatro vá além do ensino dos pontos fundamentais no estilo de informação e preleção. Ele deve incluir demonstrações práticas e a observação de autênticos contatos. Um passo final completo então o preparo: as pessoas que estão sendo treinadas fazem contatos sob a observação do instrutor. Cada uma delas deve ter primeiro a oportunidade de criticar-se a si mesma, e então o observador partilha sua sincera crítica e confirmação. Às vezes o instrutor também faz um contato, seguindo o mesmo procedimento. O preparo só deve ser considerado adequado depois que houverem sido feitos diversos contatos dessa natureza.

Conquanto esses contatos iniciais de avaliação possam ser feitos no lar, usar o telefone tem várias vantagens: uso mais eficiente de pessoal e tempo limitados; segurança física (em determinadas situações); economia e facilidade para encontrar cada interessado em casa; não há a interferência de ouvintes alheios ao assunto (fala-se pessoal e diretamente com a pessoa); e menos distrações físicas. Outra vantagem é a atmosfera mais amena e não ameaçadora do telefonema, em comparação com o aspecto mais carregado do contato no lar. Amide o grau do interesse manifestado ainda não justifica uma visita no lar, mas um telefonema é mais apropriado. A pessoa certamente não se considera "interessada". Talvez só tenha feito uma pergunta sobre determinado ponto. Nosso zelo poderá ser acurador e alarmante se chegarmos ao local com um bulldozer e um capacete, por assim dizer, quando apenas devíamos ter trazido uma pá.

A ênfase, portanto, está em criar uma atmosfera amena e uma relação horizontal que não tenha insinuações de superioridade espiritual. Deve haver amorosa aceitação do indivíduo. No adestramento, são apresentadas técnicas específicas para criar esse clima tanto no lar como pelo telefone. A avaliação objetiva do interesse depende dessa atmosfera.

Adestrar indivíduos para fazer avaliações pelo telefone torna-se possível amplificando a conversação de modo que ambos os lados possam ser ouvidos por todos na sala. Naturalmente, o mesmo resultado pode ser obtido na visita ao lar se o instrutor levar o aluno consigo; mas, como é desagradável ter mais de duas pessoas (o instrutor e o aluno) numa visita, este processo é mais demorado. É difícil ter suficientes contatos no lar para realizar o treinamento.

Na maioria dos casos, portanto, o contato de avaliação deve ser feito pelo telefone, se for possível, mas uns vinte por cento dos interessados não têm um número de telefone disponível. Se o grau de interesse demonstrado no cartão não justifica uma visita ao lar, temos sugestões para cartões postais escritos a mão, como último recurso. (Na realidade, estamos obtendo surpreendentemente boas respostas a este método do "último recurso".)

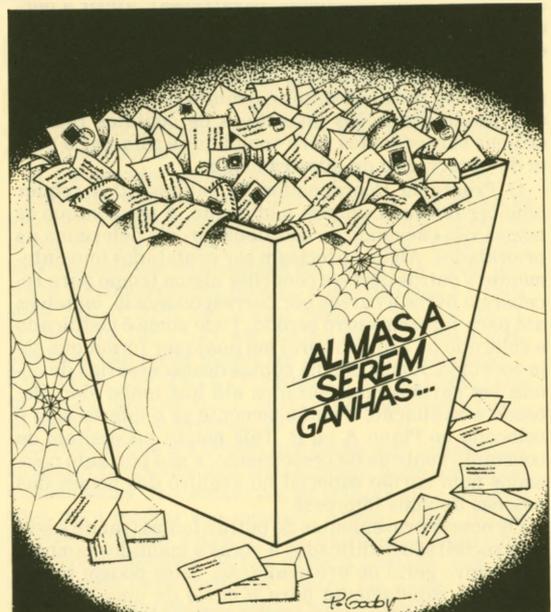
Há, porém, um passo indispensável antes do contato de avaliação. Precisamos estar familiarizados com os vastos e variados recursos de nutrição espiritual à nossa disposição. Também precisamos saber a que sistemas dessa índole o interessado tem sido exposto. O gênio do Sistema Coordenador de Interessados consiste

em saber de onde provém o interessado, onde ele se encontra agora e que sistemas de nutrição espiritual serão necessários. E esta utilização do amplo cebedal dos recursos de nutrição espiritual disponíveis (em comparação com o método típico de conduzir a estudos bíblicos pessoais todos os que concordarem com isso) que possibilita nutrir uma grande quantidade de nomes de pessoas interessadas, sem malograr todo o processo. Deve haver uma variedade de opções para diferentes espécies de pessoas.

Por conseguinte, o primeiro passo é aproveitar todos os recursos disponíveis na situação local. Em nosso programa, orientamos o coordenador de interessados local na escolha de recursos para necessidades físicas, emocionais e espirituais. Por exemplo, nossa procura de recursos de nutrição espiritual começaria, sem dúvida, no degrau mais elevado da escada do envolvimento leigo: o estudo bíblico de uma pessoa com outra. Quantas equipes de estudos bíblicos há na igreja? Quem são os seus componentes? Qual é o seu endereço, nome, telefone? Quantos estudos bíblicos por semana eles poderão dar com facilidade? Quais os períodos disponíveis? Qual é o conteúdo e o formato dos estudos usados por eles? Possuem projetores e slides? Deixam lições a serem preenchidas e voltam depois para conferi-las? Seguem o antiquado sistema de dar estudos ao redor da mesa, com a Bíblia aberta? Estas informações são obtidas do pessoal de estudos bíblicos e depois elas devem ser catalogadas de maneira acessível e ordeira.

Outros recursos de nutrição espiritual que devem ser aproveitados cabalmente são os seguintes: reuniões evangelísticas em alguma parte dessa região; a classe bíblica do pastor; reuniões em casas de família; gravações (mencionar o conteúdo e o formato; elas podem ser usadas como empréstimo, pelo correio); livros sobre as doutrinas fundamentais (mencionar os títulos e o número disponível); revistas (números avulsos sobre assuntos-chave, e também assinaturas); cursos por correspondência; etc.

Pense criativamente sobre cada um dos métodos de nutrição espiritual. Intere-se do seu conteúdo; busque fatos, informações e endereços. Colha tudo que for pos-



sível para uma biblioteca de reforço.

O mesmo tratamento cabal e criativo é dispensado aos recursos de nutrição física e emocional. Isto pode abranger uma viagem ao SELS. Procuramos descobrir o que há sobre cursos de Arte Culinária e sobre o Plano de Deixar de Fumar em Cinco Dias. Debates o que se deve fazer quando alguém não quer esperar pelo Plano Para Deixar de Fumar. Mencionamos os programas da igreja local, como a Escola Cristã de Férias, acampamentos de verão, programas da escola da igreja, programas pelo rádio e a televisão, ocasiões, temporadas e datas especiais, etc. Esta é a parte coordenadora do trabalho do Coordenador de Interessados — certificar-se de que todos os sistemas de nutrição estejam sendo usados eficazmente. Não deve haver sobrecarga ou uso exagerado de um desses sistemas, em detrimento dos outros. Isto também se aplica aos estudos bíblicos individuais.

Este conceito poupa as equipes de estudos bíblicos para os interessados que se acham preparados para esse tipo de nutrição. Evita a "extenuação" dessas equipes e — o que é igualmente importante — não impõe prematuramente essa experiência aos interessados. Coopera com o seu padrão de crescimento.

Se o sistema de nutrição é o gênio do Programa Coordenador de Interessados, o verdadeiro contato de avaliação é o coração do trabalho. O objetivo é avaliar todo nome em sua devida prioridade e situação. Alguns nomes precisam ser avaliados ocasionalmente, à medida que vão crescendo.

A avaliação é uma habilidade adquirida, composta de técnicas de cuidadosa atenção. Estabelecemos uma atmosfera de contato ameno; formamos uma relação de confiança e harmonia. Discernir o conhecimento que os interessados têm das doutrinas e das normas é importante; mais importante ainda é, porém, a atitude do interessado para com o que ele conhece. O contato de avaliação tem como seu objetivo a "leitura da atitude" para com alguma nova verdade bíblica estudada recentemente. Incentivar o interessado a falar livremente, mais ou menos segundo a sua preferência, coligindo porém os vislumbres de que necessitamos para efetuar nossa avaliação, requer grande sensibilidade. Algumas das habilidades ensinadas são as seguintes: técnicas de fazer perguntas, parafrasear, aferir a percepção, desarmar, percepção da atitude, oração eficaz e consciência de convicção.

A representação dessas habilidades é importante, mas ela não pode substituir o contato real. Também temos usado gravações instrutivas de contatos reais e críticas subsequentes para completar e reforçar a parte de observação do adestramento.

O Programa Coordenador de Interessados requer uma organização simples e eficiente. À medida que os nomes vão chegando ao coordenador, ele determina as prioridades. Alguns precisam ser contactados imediatamente; a outros deve-se conceder algum tempo para receberem livros e cursos por correspondência, ou talvez até para fazerem outro pedido. Todo nome é codificado e colocado no arquivo geral em qualquer forma que seja recebido. Assim não há cópias desnecessárias de nomes em cartões padronizados até que tenha sido efetuada a avaliação, e então somente se o interessado é colocado no Plano A ou B. Tais nomes necessitam de constante controle de crescimento, e são portanto colocados num cartão especial no arquivo dos nomes das pessoas de mais interesse.

Os nomes provenientes de outras fontes (saúde e serviço social) são codificados a cores e mantidos também no arquivo geral de pré-avaliação. Estes podem ser localizados rapidamente para o envio de uma circular especial. Periodicamente, eles também devem ser ava-

liados usando uma especial e suave "técnica de transição" de sua fonte de interesse para as necessidades espirituais. Isto sempre deve ser efetuado de maneira solícita e cuidadosa, nunca promovendo um crescimento antinatural. Nosso alvo é cooperar, colocando ao alcance dos interessados oportunidades para crescimento espiritual quando chegar o tempo apropriado.

Visto que, amiúde, um fichário de nomes de interessados que tem vários anos de existência necessita ser atualizado, dedicamos uma sessão de treinamento para mostrar como aproveitar e atualizar esse fichário antigo. Temos processos e medidas graduais para selecionar os interessados que oferecem melhores perspectivas, bem como diversas opções para integrá-los no Sistema Coordenador de Interessados. Todos esses métodos para separar os nomes e dar prioridade a eles, são ensinados de maneira bem prática no programa de adestramento.

Um fator importantíssimo de todo o programa é o senso de responsabilidade. Descobrimos que tanto os membros como os pastores *querem* ser considerados responsáveis por alguma coisa tão importante como o nome de uma pessoa interessada. No âmbito local, é estabelecido um simples grupo de apoio que abrange três ou quatro pessoas, além do coordenador de interessados e seus auxiliares. Uma das funções desse grupo é responsabilidade multidirecional, bem como confirmação. O coordenador de interessados e seu quadro de auxiliares são responsáveis ao grupo de apoio e ao pastor. Este último, por sua vez, é responsável perante o coordenador de interessados e seus auxiliares, e também perante o grupo de apoio, pelos nomes que lhe são transferidos para que acabe de prepará-los a fim de que se tornem membros da Igreja. Este fator de responsabilidade pode ser ampliado até incluir também as equipes de estudos bíblicos.

O Grupo de Apoio se reúne uma vez por mês. Compõe-se geralmente do coordenador de interessados e seus auxiliares, do pastor, do ancião e do diretor de ação missionária. Seu apoio envolve tais aspectos como orientação, confirmação e oração, e esse grupo pode administrar ou dirigir toda a Coordenação de Interessados.

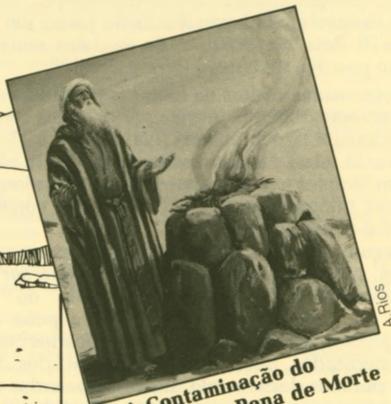
Em nosso programa na Pensilvânia tem havido um outro nível de responsabilidade da associação pelos nomes dos interessados que sabemos terem recebido substancial instrução religiosa e doutrinária, como um curso por correspondência. Quando um desses nomes é enviado para o coordenador de interessados da igreja, remetemos junto com ele um formulário selado contendo o nome e endereço da associação. Esses formulários devem ser enviados de volta pelo correio depois que houver sido feito o contato de avaliação e estabelecido algum plano de nutrição espiritual.

As "caixas de culpa" estão vazias na Pensilvânia. Os arquivos dos nomes de interessados nas igrejas da associação estão se tornando boas fontes de novos membros. As pessoas estão encontrando alegria e satisfação ao trabalhar juntas, como uma equipe, para assegurar que todo nome recebido obtenha atenção individual. O Plano Coordenador de Interessados está funcionando aqui na Pensilvânia. E também poderá ser uma realidade para você!

Um manual de adestramento que trata da maioria dos pormenores delineados neste artigo foi experimentado e aprimorado nalguns Campos, no decorrer de três edições. Agora se acha disponível em sua forma mais completa, e pode constituir a base de programas de preparo e adestramento nas igrejas. O preço do exemplar é de quatro dólares. Os pedidos podem ser feitos a: Nash Printing, P. O. Box 503, Lansdale, PA 19446, através dos canais competentes.

# a contaminação

2ª parte



2. A Contaminação do Santuário e a Pena de Morte

## II. A Contaminação do Santuário e os Ritos de Purificação

O sistema israelita de sacrifícios tinha como principal objetivo gravar no pensamento do povo o princípio de que cada pecado é punido com a morte (cf. Rom. 6:23). Nosso problema, no entanto, consiste em saber por que, às vezes, a morte de um animal substitutivo não era para expiar a falta cometida, e que relação tinha esse tipo de pecado com a contaminação do santuário.

Até agora os eruditos têm encontrado certa dificuldade para estar de acordo no tocante aos pecados que eram punidos com a morte em Israel.<sup>1</sup> A dificuldade principal provém talvez da distinção feita em Números 15, entre os pecados involuntários e os pecados inexpliáveis, que são pecados de toda evidência, pecados deliberados. Não obstante, devemos perguntar a nós mesmos se esse contraste entre pecados inconscientes e pecados deliberados deve necessariamente e em todos os casos ter uma correspondência exata com o contraste entre pecados perdoáveis e pecados mortais.<sup>2</sup>

Outro fato embaraçoso se impõe quando consideramos certas prescrições levíticas. Com efeito, elas por vezes fazem distinção entre os pecados involuntários, *hatta't* (Lev. 4), e os pecados de culpabilidade, *'asam* (Lev. 5).<sup>3</sup> Apesar do inegável caráter deliberado de alguns *'asam*, ficamos perplexos diante do fato de que esse tipo de pecados também pode ser expiado.<sup>4</sup> Além disso, uma olhada mais atenta às palavras fundamentais utilizadas no Antigo Testamento para definir os pecados, nos mostra que elas podem descrever tanto

os pecados dignos de morte como os pecados perdoáveis.<sup>5</sup>

Como alguns teólogos têm negado a possibilidade do perdão para os pecados deliberados e premeditados,<sup>6</sup> é necessário considerar com um pouco mais de cuidado alguns exemplos precisos encontrados nas leis levíticas que afirmam o contrário. Além disso, vários exemplos encontrados nos livros históricos reforçam este último ponto de vista.

### a) Os pecados deliberados e o arrependimento

Entre os pecados *'asam* que podem ser expiados se encontra o falso juramento pronunciado diante de Jeová por um ladrão (Lev. 6:2-7; cf. 19:11-13).<sup>7</sup> Este fato é mais assombroso se levarmos em conta que "toda promessa ou compromisso feito no nome de Deus é irrevogável"<sup>8</sup> (Êxo. 20:7; Lev. 19:12; Núm. 30:3; Deut. 23:21-23; Jos. 9:19; Juí. 11:35, etc.). Além disso, "o pecado de blasfêmia não podia jamais ser anulado ou atenuado".<sup>9</sup> (Êxo. 22:28; Lev. 24:11-17; I Reis 21:10-13.) Como pode ser, então, que Lev. 6:2-7 trate de uma expiação possível para o que se arrepende?<sup>10</sup>

É evidente que um ladrão que tenha sido acusado como suspeito, embora sem testemunhas, pode ser capaz, premido pelas circunstâncias, de utilizar até o nome de Jeová para ocultar sua mentira. Apesar disso, depois de haver refletido sobre o caso, atormentado por uma consciência culpável, de sua própria vontade, sem que haja alguém para testificar contra ele, pode fazer a confissão de seu pecado deliberado e obter o perdão.<sup>11</sup>

Assim, os delitos normalmente punidos com a morte eram reduzidos à condição de pecados involuntários. A capacidade de arrepender-se, em alguns casos, era pois "um fator que atenuava a retribuição divina".<sup>12</sup>

Outro grupo de textos, sempre em Levítico, tem que ver também com pecados deliberados (Lev. 5:1-5).<sup>13</sup> Neste grupo, a redução dos pecados 'asam para a categoria de *hatta't* está bem definida;<sup>14</sup> esses pecados 'asam estão, além disso, em contraste direto com os pecados *hatta't*, involuntários, do capítulo anterior.

Fora dos códigos levíticos encontramos outros exemplos de pecados deliberados que foram reduzidos pelo arrependimento à condição de pecados involuntários.<sup>15</sup> Entre eles se encontram: o pecado de Davi (II Sam. 12:13; cf. Sal. 51:1-4 e 9-12; II Sam. 24:10); a abominável debilidade de Acabe (I Reis 21:25-29); a assassina apostasia de Manassés (II Crôn. 33:2-10), onde sobressai seu arrependimento quase incrível (vs. 12-16, 18 e 19); o despertar da consciência de Josias em nome da nação (II Reis 22:18-20); e, de maneira mais geral, a reação positiva de Nínive (Jon. 3:4-10).<sup>16</sup>

Nesta mesma ordem de idéias, os profetas convidam para arrependimento, mesmo por pecados conscientes, normalmente não expiáveis (Isa. 1:5 e 6 e 15-18; Ezeq. 33:10 e 11, etc.). Nesses apelos, o propósito não consiste num simples arrependimento que abandona o pecado, mas também na reparação do mal cometido (ver Miq. 6:6-8, etc.).

Chegamos, pois, à conclusão de que o pecado imperdoável, no Antigo Testamento, não pode ser definido simplesmente como "pecado deliberado" ou "premeditado" ou "voluntário".<sup>17</sup> Por certo, a pena de morte era aplicada somente em casos de pecados conscientes e premeditados, mas nem todos os pecados desse tipo eram punidos desse modo. Entre os pecados conscientes, somente aqueles que eram cometidos "atrevidamente" ("à mão levantada": *biyad ramah* — Núm. 15:30), em rebelião aberta contra Deus, não podiam ser expiados, e isto só ocorria em certas circunstâncias muito especiais.

b) *Circunstâncias especiais nas quais o pecado é inexpiable*

**Quando o povo, em conjunto, estava em boas relações com o Deus do santuário, ou quando o arrependimento depois de uma apostasia era geral, a persistência individual ou minoritária em continuar na apostasia, ou a desobediência aberta à vontade divina, era punida com a morte.**

las circunstâncias, e não simplesmente pelo delito em si. A severidade, às vezes aparentemente excessiva, das leis levíticas, pode ser, então, melhor compreendida à luz do contexto sob o qual foram ordenadas. Com efeito, elas foram prescritas a um povo que vivia ao redor de uma montanha ou de uma tenda na qual a presença da divindade era visível<sup>18</sup> — embora oculta detrás duma cortina ou sob uma nuvem. Podemos perguntar, portanto: Em que sentido esta circunstância especial de um povo que rodeava o santuário divino podia agravar a penalidade dos pecados?

1) A consciência da presença divina e o conhecimento de Sua vontade eram favorecidos pela vivência cotidiana do povo ao redor do santuário (Núm. 2:2; Êxo. 33:5-7, etc.).

2) O perigo de contaminar o tabernáculo divino e o caráter sagrado do culto de Jeová se tornava mais evidente por sua proximidade do povo (Lev. 15:31).

Estes dois aspectos explicam também por que alguns pecados capazes de ser perdoados nalgumas ocasiões adquiriam, diante da tenda divina, uma conotação de pecado "à mão levantada". Por esta razão, as leis eram muito mais severas para os sacerdotes do que para o povo (ver por exemplo Lev. 21:4 e 17-23) e mais estritas ainda para o sumo sacerdote (Lev. 21:10-15). O próprio Pentateuco passava a ser, nalgumas ocasiões, o relato de um Deus que vacilava entre deslocar Sua tenda para fora do acampamento onde habitava Seu povo, ou destruir o povo por sua rebelião (Êxo. 32:10; 33:5 e 7-10; Lev. 10:1-3; Núm. 11:1-3, 24-30, 33 e 34; 14:10-12 e 37; 16:19-21, 31-35 e 41-50; cf. Êxo. 19:12, 13 e 21-24; 20:19 e 20).

No entanto, uma vez dispersado na Terra Prometida, o afastamento do santuário podia causar a apostasia do povo mais rapidamente.<sup>20</sup> A relação privilegiada de ser vizinhos de Deus, vivida cotidianamente, não seria daí tão freqüente. O risco de contaminar o tabernáculo divino, por outro lado, seria eventualmente menos direto (cf. Jos. 22:19). Por conseguinte, as represálias divinas podiam ser atenuadas ou retardadas devido à ignorância.

Isto não quer dizer que as leis do Pentateuco, tão severas por seu contexto de proximidade do santuário, em volta do qual o povo vivia no deserto, não deviam manter seu rigor na Terra Prometida. A condição de santidade do povo com o qual fora firmado o concerto



A. RIOS

Uma vez aclarado este ponto, não é difícil de ver que todos os castigos mortais exigidos nos diferentes códigos do Pentateuco e executados segundo os diversos relatos do Antigo Testamento, devem ser julgados pe-

divino devia projetar-se também para a época sedentária, a fim de que Israel continuasse a ser o povo de Jeová. O propósito era que o tabernáculo, ou, mais tarde, o templo, estendessem constantemente sua influência sobre toda a terra da Palestina (Lev. 26:11 e 12; cf. v. 6; 25:2). Mas, para impor essas leis na Terra Prometida, era requerido esse estado ideal de relações entre Deus e Seu povo. Entre esse ideal e a realidade, infelizmente se encontra um abismo que só a graça divina, sempre levando em conta as situações diferentes, podia transpor.

Para enfrentar esse perigo de apostasia na Terra Prometida, ou melhor ainda, para manter ali a relação ideal entre Deus e Seu povo, os escritores bíblicos falam essencialmente de quatro soluções positivas e eventuais:

1) O ensino doméstico-religioso, acompanhado de certos sinais pedagógicos (Deut. 6:7-9; 11:18-21).

2) A peregrinação ao santuário nas festas religiosas, a qual era obrigatória três vezes por ano (Êxo. 23:14-19; 34:18-26; Deut. 16:1-17; Lev. 23; Deut. 31:10-13).

3) O envio de mensageiros (profetas) para advertir o povo contra a apostasia (Deut. 18:15-19; cf. 20-22; 13:1-5).<sup>21</sup>

4) As escolas dos profetas (cf. I Sam. 10:10-12; II Reis 2:3, 5, 7, 15 e 16).

Além disso, as bênçãos e maldições deuteronomicas mostram certa preocupação por manter a coerência cívico-religiosa de Israel (Deut. 27:11-26; 28:1-68). Vários preceitos no Pentateuco buscam também, mediante prescrições bem severas, evitar que o povo se contamine com os pecados capitais dos pagãos que os haviam precedido (Lev. 18:20 e 26; Deut. 7:1-5; 8:19 e 20; 12:29; 14:2; 16:18; 17:23; 18:9-14, etc.).<sup>22</sup>

A despeito de todas essas prevenções e medidas adotadas, a conservação dos vínculos religiosos e nacionais nem sempre pôde ser mantida, e tanto a paciência como a tolerância divinas tiveram de ser maiores. À medida que a apostasia se ampliava, as ordens de morte não podiam ser executadas de maneira coerente. A falta de conhecimento por um lado, e a falta de pessoas com suficiente valor moral e capacidade para impor-se diante de uma maioria apóstata, por outro lado, dificultava a aplicação dessas leis cívico-religiosas de Israel. Então, o Deus da Bíblia é apresentado como chamando os pagãos para castigar a Seu povo.

Precisamos, pois, levar também em conta a condição espiritual do povo quando esses pecados eram cometidos, e o número de desobedientes em relação com o número total de pessoas da congregação. Quando a apostasia era generalizada, podia conduzir ao extermínio total do povo ou à preservação de um remanescente fiel (Êxo. 32:9, 10 e 31-34; I Reis 19:18; Isa. 1:9; 4:2-4; 11:11 e 16; 27:6, 12 e 13; Jer. 31:27 e 28; Ezeq. 37:11-14 e 21-28, etc.). Mas, no quadro de um povo santo, separado do mundo e contando com a bênção divina, o pecado individual ou o que era cometido por um pequeno número de pessoas, ou mesmo por um grupo mais considerável, sem constituir, porém, a maioria, podia tornar-se inextinguível e, por conseguinte, punido sem demora. A tolerância quebraria a comunhão do povo com o seu Deus, e as conseqüências seriam piores (Lev. 20:4 e 5).

Podemos concluir, então, dizendo que quando o povo, em conjunto, estava em boas relações com o Deus do santuário, ou quando o arrependimento depois de uma apostasia era geral, a persistência individual ou minoritária em continuar na apostasia, ou a desobediência aberta à vontade divina, era punida com a morte. Nesses casos, até pecados normalmente expiáveis pelo sacrifício podiam adquirir a característica de

pecados "à mão levantada" (*biyad ramah*) e ser punidos com a morte. O Dia da Expição se situa justamente no quadro de uma situação dessa natureza (Lev. 16:29; 23:27, 29 e 30; Núm. 29:7).

## Referências

1. Tem-se procurado classificar os diversos tipos de pecados em "pecados de omissão" e "pecados de comissão" (B. A. Levine, *In the Presence of the Lord*, Leiden, 1974, pág. 109; segundo este autor, os pecados *asan* são pecados de omissão, e os *hatta't*, pecados de comissão), "pecados furtivos ou não furtivos" (J. Milgrom, *Cult and Conscience*, Leiden, 1976, págs. 102 e 126), pecados premeditados e não premeditados, deliberados e não deliberados, voluntários e de inadvertência, etc. Ver *Mischnah Shebuot* 1:6.

2. Entre os autores que pensam que os pecados deliberados não eram expiáveis, se encontram R. de Vaux, *Les Institutions de l'AT*, Paris, II, 1967, pág. 297; H. H. Rowley, *Worship in Ancient Israel. Its Forms and Meaning*, Londres, 1967, pág. 134.

3. Levine reconhece que essas prescrições "sempre têm sido uma fonte de confusão e dificuldade para os estudantes do culto israelita", *op. cit.*, pág. 108. De Vaux: "É bem difícil determinar o que distingue essas duas espécies de sacrifícios. Já os antigos não estavam de acordo ..." como por exemplo Filon e Josefo, *op. cit.*, pág. 298.

4. De Vaux admite que algumas prescrições *hatta't* e *asam* de Levítico 5 não são "de simples inadvertência". Por exemplo, Levítico 5:1, 15 e 16. Mas ele pensa que "os últimos redatores que estabeleceram essas regras confusas não sabiam claramente o que era o sacrifício *hatta't* e o sacrifício *asam*: ou melhor, eles queriam distinguir os termos que originalmente eram sinônimos; ou ainda, eles confundiram os termos das quais não conheciam mais o valor específico", *op. cit.*, pág. 299. Milgrom vê em Levítico 6:2 e Núm. 5:6-8, pecados *asam* deliberados, mas crê que o "arrependimento neutraliza o aguilhão de um falso juramento reduzindo sua condição a um pecado involuntário", *op. cit.*, pág. 118.

5. Ver A. Treiyer, *Le Jour des Expiations et la Purification du Sanctuaire*. Tese doutoral em Teologia, Strasbourg, 1982, págs. 122 e 123, com um quadro de textos abrangendo as palavras *asam*, *awon*, *pasó* e *mal*.

6. Ver referência 2.

7. J. Milgrom, *op. cit.*, págs. 84-128; especialmente a página 85, ref. 300: "... ele o nega sob juramento. Se assim é, a 'transgressão contra o Senhor' que nos vs. 15 a 19 foi atribuída à real ou suposta profanação da propriedade de Deus é agora atribuída à profanação do nome de Deus." Na página 101, este autor conclui: "Levítico 5 também trata do roubo, não a categoria geral em que o ladrão é indetectável, mas os casos especiais em que a sua identificação conduz a um falso juramento."

8. *Idem*, pág. 118.

9. *Ibidem*.

10. É verdade que os votos podiam ser anulados quando algumas circunstâncias superavam a capacidade da pessoa para cumpri-los (Núm. 6:12; 30:6, 9, 13 e 14; cf. I Sam. 14:24, 26-28, 37 e 43-45). Aqui, porém, se trata do juramento de um ladrão.

11. Esta é a opinião também de J. Milgrom, *op. cit.*, pág. 124.

12. *Idem*, pág. 119; ver especialmente páginas 123 e 124.

13. G. F. Hasel, "Studies in Biblical Atonement I", em *The Sanctuary and the Atonement*, Washington, 1981, pág. 105.

14. R. A. Levine, *op. cit.*, pág. 109.

15. Ver J. Milgrom, *op. cit.*, págs. 119-121.

16. A expiação feita com o incensário em Números 16:46-48 mostra como por ocasião de um juízo, Deus levou em conta a intercessão de Arão de uma maneira semelhante à intercessão de Moisés (Êxo. 32:30-35), de Abraão (Gên. 18:23-32) e de outros profetas, para com aqueles que eram dignos de morte. Arão, na verdade, não pôde eliminar a pena de morte, mas só a supressão ou demora do juízo (cf. Êxo. 32:33 e 34). Unicamente o arrependimento posterior, acompanhado do sacrifício, podia salvá-los definitivamente da morte.

17. Embora a distinção comissão-omissão, furtivo-não-furtivo, esteja mais próxima em princípio da realidade das leis e práticas do Antigo Testamento, estas palavras não são suficientes para abranger toda a realidade veterotestamentária. E. Jacob crê também que, "de modo geral ..., a expiação não se restringe unicamente ao pecado cometido por inadvertência, *bishegagah*, pois os pecados mencionados (Lev. 5:14-19; 19:20-22; Núm. 5:5-8) são perfeitamente conscientes e voluntários, sendo, portanto, suscetíveis de punição", *Théologie de l'AT*, Neuchâtel, 1968, pág. 236.

18. Êxodo 19:16; 20:18, 19 e 22; 34:1, 2 e 28; 40:34-38; Lev. 1:1; 16:1; 25:1; Núm. 1:1; 3:1; 7:1 e 4; 9:1 e 15-23, etc.

19. Nenhuma ocasião estava tão carregada de advertências e ameaças de morte como o dia em que o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo; ver A. Treiyer, *op. cit.*, págs. 13-17. Os diferentes ritos para os leprosos que eram curados, para que pudessem aproximar-se do templo como os outros pecadores dentro do povo, também ensinam de outra maneira esta mesma verdade. *Idem*, págs. 135-138.

20. Alguns textos do Pentateuco advertem contra este perigo com exortações para não olvidar a relação ideal de santidade mantida com Deus no deserto (Deut. 6:10-12; 8:11, 14-16, 18 e 19; 12:29; 14:2; 16:18; 17:23; 18:9-14, etc.).

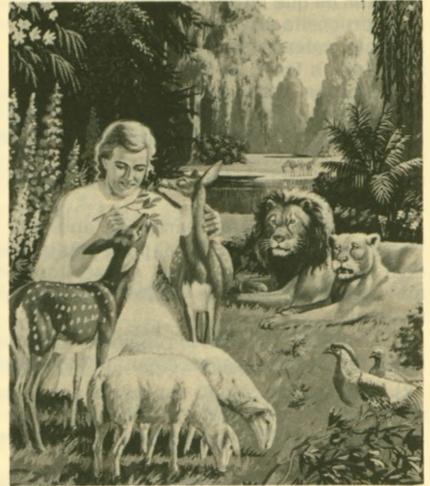
21. As advertências contra os falsos profetas pressupõem também a existência de verdadeiros mensageiros divinos.

22. Cumpre destacar que em geral estas prescrições partem da base de um povo santo que deve manter sua pureza, e não de uma degradação geral que deve ser ajustada por tais leis.

Dr. Gerhard F. Hasel

Decano do Seminário Teológico da Universidade  
Andrews, Michigan, Estados Unidos

# A perpétua DÁDIVA de DEUS ao HOMEM



A. Rios

**A** busca de uma origem extrabíblica para o sábado tem estado em andamento há uns cem anos. Os eruditos têm desenvolvido a hipótese de que o sábado tem antecedentes astrológicos, agrícolas ou sociológicos. No entanto, até agora, nem uma hipótese isolada, nem uma combinação de hipóteses tem conseguido prover uma resposta para a questão da origem do sábado.<sup>1</sup> Segundo nosso conhecimento atual, o sábado, como dia de repouso e adoração semanal é peculiar à religião e fé bíblica. Não temos conhecimento de nenhuma nação ou povo pagão no mundo antigo que tenha guardado o sábado do sétimo dia ou prestado culto nele.

As fontes seculares talvez sejam omissas sobre este assunto, mas as Escrituras não são ambíguas sobre a origem do sábado. Elas apresentam o sábado do sétimo dia como duradoura dádiva de Deus a toda a humanidade, desde a criação. Seu começo está ligado ao clímax da semana da criação (ver Gên. 2:1-3; Êxo. 20:11; 31:17). O relato inspirado declara: "Assim, pois, foram acabados os céus e a Terra, e todo o seu exército. E havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera." Gên. 2:1-3. Esta primeira passagem sobre o sábado expressa algumas idéias-chave: 1) a criação atinge seu alvo de conclusão e perfeição no sábado do sétimo dia. Assim, o sétimo dia de cada semana é um sábado da criação renovado, um dia de tempo sagrado procedente do princípio da História. Embora as antigas cosmogonias dos cananeus e dos babilônios terminassem na edificação de um templo,<sup>2</sup> isto é, em espaço sagrado, a narrativa bíblica da criação termina com a

inauguração do sábado, isto é, com a origem do tempo sagrado. 2) Deus descansou no sábado de toda a Sua obra que tinha feito. O descanso de Deus (cf. Êxo. 20:11; 31:17) provê um exemplo para o homem. A humanidade, criada à imagem de Deus, deve seguir o exemplo de seu Criador descansando no sétimo dia. Descansar no sentido de cessação da atividade regular significa para toda pessoa uma dádiva de tempo para comunhão com o nosso criador e Senhor. 3) Deus abençoou o sábado. Na Escritura, quando Deus abençoa alguma coisa ou um ser, essa coisa ou esse ser é imbuído do poder de fecundidade e prosperidade, provendo vida, felicidade e êxito. O Senhor da vida, que, em Sua obra criadora, abençoou os peixes e as aves (ver Gên. 1:22), e então a Adão e Eva (ver Gên. 1:28), também abençoou o sábado como dia de descanso, dotando-o assim de poder vivificante, vitalizador e benéfico. Esta bênção conferida ao sábado deve enriquecer a existência e a vida da humanidade. 4) Deus santificou o sábado. Este ato divino de santificar o sábado e separá-lo dos outros dias, que são dias de atividade, imbuíu-o de uma santidade não possuída por nenhum outro dia. "Esta divisão entre o dia de descanso e os dias de trabalho deve demonstrar-se tanto um benefício para o homem como a divisão da luz e das trevas."<sup>3</sup> Também devemos notar que a santidade constitui um ato da concessão de Deus, e não da realização humana. A santidade do dia de repouso é derivada, não da observância desse dia pelo homem, mas de uma ação divina precedente.

Estes aspectos fundamentais do sábado, baseados nas atividades divinas no clímax da criação, provêem vida abundante e significativa para o homem e desper-

tam nele sentimentos de adoração. O penetrante sumário de G. H. Watterman merece ser citado: "Parece claro, portanto, que a divina origem e instituição do sábado ocorreu no começo da história humana. Naquela ocasião Deus não somente proveu um exemplo divino para a observância do sétimo dia como dia de repouso, mas também abençoou o sétimo dia e separou-o para uso e benefício do homem."<sup>4</sup> É plenamente evidente, portanto, que o sábado se originou na criação, e não no monte Sinai ou mais tarde, na história de Israel.

O apoio bíblico para a origem do sábado do sétimo dia na criação se encontra não somente no Antigo Testamento (ver especialmente Êxodo 20:11; 31:17), mas ela também é apoiada explicitamente no Novo Testamento, em Hebreus 4:1-11, e implicitamente, por Jesus mesmo, em S. Marcos 2:27: "O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado." Jesus afirma que o sábado foi feito para benefício do homem, protegendo seu bem-estar físico, espiritual e social.

### Senhor do Sábado

Jesus Cristo anunciou que Ele mesmo é "Senhor do sábado" (S. Mar. 2:28; S. Mat. 12:8). O Novo Testamento apresenta amplas evidências de que o mundo foi feito por Jesus Cristo (ver S. João 1:3; Colos. 1:16 e 17; Heb. 1:1-3), indicando que Ele é o agente ativo na criação. No princípio da história humana, o Criador do homem e do mundo fez o sábado para benefício e bênção da humanidade.

O Antigo Testamento faz reiteradas alusões ao sétimo dia como "o sábado do Senhor" (ver Êxo. 20:10; Lev. 23:3 e 38; Deut. 5:14) e diversas vezes o Senhor fala na Escritura de "Meus sábados" (ver Êxo. 31:13; Lev. 19:3 e 30; 26:2; Isa. 56:4 Ezeq. 20:12-24; 22:8 e 28; etc.). A afirmação de Jesus, de que Ele é "Senhor do sábado", talvez reflita essa ênfase do Antigo Testamento à Sua autoridade, em confronto com todos os outros que pretendiam ter domínio sobre o sábado. Sua autoridade sobre esse dia está relacionada com Sua autoridade sobre o homem. Como este, caído sob o domínio de poderes estranhos, é liberto de todos os meios falsos, ritualistas e legalistas, assim o sábado também é liberto por Jesus Cristo do grande número de regulamentos ritualistas e legalistas que lhe foram acrescentados por poderes humanos no judaísmo posterior ao Exílio. (Uma fonte cita 1.521 leis derivadas do sábado.)<sup>5</sup>

Como "Senhor do sábado", Jesus Cristo é o grande Restaurador do sábado. Em Sua vida e ministério, Jesus de maneira alguma ab-rogou ou anulou o sábado. Elevou-o a seu legítimo e devido lugar, restaurando sua significação e dignidade, e repondo-o como centro de bênção para a humanidade. Os Evangelhos relatam nada menos de sete milagres de cura realizados no sábado. No começo mesmo de Seu ministério público, Jesus curou um homem endemoninhado numa sinagoga, no sábado (ver S. Mar. 1:21-28; S. Luc. 4:31-37) e acompanhou este ato com a cura, no sábado, da sogra de Pedro (ver S. Mar. 1:29-31; S. Luc. 4:38 e 39). A libertação dos seres humanos dos poderes do mal ou da doença está, portanto, ligada ao sábado. A cura no sábado do homem com a mão ressequida (ver S. Mar. 3:1-6) demonstra que a despeito das restrições legalistas dos judeus, "é lícito nos sábados fazer o bem... *lei salvar a vida*" (v. 4). Jesus estava novamente ensinando numa sinagoga, noutro sábado, quando Ele curou miraculosamente uma mulher enferma, defendendo a cura como uma atividade completamente apropriada para o dia de sábado — uma soltura dessa mulher do cativeiro de Satanás (ver S. Lucas 13:10-17).

O Libertador messiânico também liberta o sábado

da tradição humana. A cura no sábado do homem com hidropisia demonstrou isso novamente (ver S. Luc. 14:1-4). As duas curas no sábado relatadas no Evangelho de S. João (cap. 5:1-18; 9:1-41) indicam a íntima conexão entre a obra redentora de Cristo e o sábado. Em ambos esses casos Cristo rompeu outra vez com as leis sabáticas dos rabis (ver S. João 5:10 e 16; 9:14-16), livrando o sábado de restrições humanas e libertando-o para que fosse a espécie de bênção que Ele designou originalmente para a humanidade. Estes incidentes revelam que a afirmação de Cristo, de que Ele é "Senhor do sábado" (S. Mat. 12:8; S. Mar. 2:28) denota Sua intenção de ser o Restaurador do verdadeiro significado e propósito do sábado, revelando seu divino objetivo e desígnio para benefício de homens e mulheres em todas as etapas da vida e em todas as épocas.

O famoso incidente de os discípulos colherem espigas num dia de sábado (ver S. Mat. 12:1-8; S. Mar. 2:23-28; S. Luc. 6:1-5) foi considerado pelas autoridades judaicas como violação do sábado, porque, "ao colher as espigas, eles eram culpados de segar; ao esfregá-las nas mãos, eram culpados de joeirar; e, em todo esse processo, eles eram culpados de preparar uma refeição no dia de sábado."<sup>6</sup> Em Sua defesa, Jesus Se referiu ao ato de Davi comer dos pães da proposição no templo quando estava com fome (ver I Sam. 21:1-7), argumentando que se era correto que Davi comesse do pão dedicado para uso sagrado, então os Seus discípulos certamente podiam aliviar a fome colhendo cereais no tempo sagrado. Assim Jesus pôs de lado as leis rabínicas e libertou o sábado das restrições e da casuística legalistas.

Estes diversos incidentes revelam que Jesus restaurou o sábado a sua autêntica significação, libertando-o de tradições humanas que tendiam a reter tanto o sábado como seus observadores nas malhas do legalismo. Jesus mesmo guardou o sábado em sua verdadeira intenção, deixando assim um exemplo para Seus seguidores através dos séculos. Ele é o Exemplo e Modelo de verdadeira observância do sábado desde o dia, no começo de Seu ministério, quando leu as Escrituras na sinagoga de Nazaré, observando o sábado "segundo o Seu costume" (S. Luc. 4:16); bem como no tempo em que andou fazendo o bem no sábado, até Seu descanso na sepultura nesse mesmo dia. Na realidade, Jesus Cristo é em todo o sentido "o Senhor do sábado", assim como o sábado é em todo o sentido o dia do Senhor. Cremos que não há provas bíblicas de que Jesus ou Seus discípulos tenham mudado o sábado para o domingo.<sup>6</sup> Esta mudança ocorreu muito mais tarde.<sup>7</sup>

### A Dádiva do Repouso Divino

O próprio repouso do Criador provê um fundamento para o repouso do homem no sábado do sétimo dia (ver Gên. 2:1-3). O quarto mandamento do Decálogo afirma explicitamente: "O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho...; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou." Êxo. 20:10 e 11. O sétimo dia é identificado como o Sábado. Esta distinção já fora ilustrada na experiência do maná (ver Êxo. 16:23, 25 e 26). Cumpre notar também que "o sétimo dia é um sábado para o Senhor" (cf. 16:23 e 25; 20:10; 31:15; 35:2; Lev. 23:3; Deut. 5:14), indicando que o sábado é propriedade de Deus, o qual bondosamente o concede como dádiva de repouso para Seu povo, depois dos seis dias designados para o trabalho humano.

O mandamento do sábado requer que os homens o santifiquem (Êxo. 20:8). Já notamos que o sábado deriva sua santidade de um ato de Deus na criação (ver Gên. 2:3; Êxo. 20:11). A ordem de Deus para santificar o sábado é tanto um preceito como um convite, e abran-

ge: 1) seguir o exemplo de repouso divino; 2) reconhecer o exemplo dado pelo Criador; 3) aceitar a dádiva do descanso de Deus todo sétimo dia; 4) participar do repouso divino; e 5) abster-se do trabalho e das atividades próprias dos seis dias durante os quais os seres humanos devem trabalhar e fazer toda a sua obra. Na realidade, "a cessação do trabalho no sétimo dia equivalia a um rito de comunhão com o Criador cósmico".<sup>8</sup> Afinal de contas, é o que Deus tem feito pelo homem que leva o homem a santificar o dia de sábado, deixando de lado todas as atividades comumente relacionadas com a sua subsistência. Deus proveu generosamente tempo suficiente, nos seis dias da semana, para essas atividades. A dádiva dos seis dias de labuta intencional cada semana, é seguida pelo sábado do sétimo dia, uma dádiva maior de tempo sagrado em que o homem é libertado dos cuidados normais da vida. Em poucas palavras, o sábado é a dádiva divina de tempo sagrado, santificado e reservado por Deus para o homem, a fim de prover descanso da labuta, liberdade para companheirismo e comunhão tanto com Deus como com os semelhantes, e um antegozo semanal do repouso pelo qual anseia toda a criação (cf. Isa. 66:22 e 23; Heb. 4:1-10).

### Uma Dádiva de Libertação que Redime

Às vezes alguns afirmam que o sábado foi instituído por ocasião da entrega da lei no monte Sinai. Mas Israel guardou o sábado e aprendeu seu significado antes da experiência do monte Sinai. Êxodo 16 indica claramente que Israel era brindado com a miraculosa dádiva do maná para o sustento físico em cada um dos seis dias de trabalho da semana. O maná manteve Israel vivo depois de seu livramento da escravidão egípcia, e deu ensejo para renovar em sua memória a maior dádiva: o sábado do sétimo dia. Pois no sábado não caía nenhum maná, para ensinar ao povo de Deus que a libertação física constitui apenas o prelúdio da experiência do sábado, quando a redenção é celebrada como dádiva de Deus. O sábado é a "festividade do sábado" (Êxo. 16:23; *sabbaton*), e não um dia de tabus, jejum e lamentação. Tem uma índole festiva, destinada, em sua celebração, a expressar alegria, felicidade e satisfação.

Também é admirável que o sábado foi designado para lembrar a Israel que "foste servo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou dali com mão poderosa, e braço estendido: pelo que o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o dia de sábado" (Deut. 5:15). Este texto elabora o aspecto soteriológico do sábado. Em Êxodo 20:11, a criação efetuada por Deus e Seu subsequente descanso são apresentados como razão motivacional para celebrar o sábado como sagrado; em Deuteronômio 5:15, o divino ato da redenção e libertação é citado como razão motivacional para a celebração do sábado. Precisamos ter em mente que o Êxodo é um ato de "criação" no qual um povo é trazido à existência (cf. Isa. 43:1 e 7), constituindo assim uma analogia da criação efetuada por Deus no princípio, quando o mundo foi trazido à existência. O ato criador do libertamento da servidão deve ser lembrado, celebrado e experimentado novamente por todo aquele que observa o sábado. O próprio crente é uma nova criação e passa a estar ligado ao povo de Deus, o corpo de Cristo. Por conseguinte, no dia de sábado nós nos estamos recordando e lembrando de nosso Criador, o qual atuou na criação do mundo físico (ver Gên. 1:1 a 3; Êxo. 20:11) e agiu novamente na criação de Seu povo (ver Deut. 5:15) e em nossa própria recriação. O sábado é um dia de presente, comemorando a criação do mundo e do homem, do povo de Deus e de nossa própria recriação individual para a nova vida nEle.

Este aspecto de libertação do sábado se estendia a toda a família, incluindo as pessoas de posição inferior, como os servos e as servas (ver Êxo. 20:10). No sábado, todos na sociedade, altos e baixos, residentes e forasteiros, devem repousar juntos. Esta libertação do trabalho e liberdade para descansar torna iguais todos os seres humanos, seja qual for a sua posição na vida. No sábado os homens são iguais diante de Deus e na sociedade. Como tal, o sábado é uma antecipação atual da eliminação escatológica de toda espécie de desigualdade. Já mesmo aqui e no tempo presente, o sábado constitui uma dádiva e aponta para a libertação dos seres humanos de todos os tipos de injustiças e desigualdades sociais.

### Uma Dádiva de Posse

Uma vez tendo criado Seu povo no evento libertador e redentor do Êxodo, Deus prontificou-Se bondosamente a manter uma profunda relação de concerto com eles, a fim de prover-lhes o poder e os meios para continuarem sendo um povo libertado, resgatado e livre, sob a direção divina. Uma parte fundamental desse concerto redentor concedido a Israel no monte Sinai (ver Êxo. 19 a 24), foram os Dez Mandamentos, no centro dos quais está o mandamento do sábado. De acordo com Êxodo 31:13, o sábado se destaca como "sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor, que vos santifica" (cf. Ezeq. 20:12 e 20). Aí é revelado que o sábado constitui o "sinal" do concerto de Deus entre Ele e Seu povo, o qual deve observar o sábado "por aliança perpétua nas suas gerações" (Êxo. 31:16).

A natureza do sábado como "sinal" se relaciona tanto com Deus como com o homem. Assim como o arcóris é uma garantia perpétua de que Deus nunca mais destruirá toda a carne sobre a Terra num dilúvio universal (ver Gên. 9:13 e 15), o sábado também é um "sinal" e "garantia" pelo qual Deus, em Sua graça eficaz, nos assegura que santificará Seu povo. Visto que o sábado faz parte do concerto que estabelece a benéfica relação entre Deus e Seu povo, tem-se salientado que "o Criador estampou na história do mundo o sinal do sábado como Seu selo de propriedade e autoridade".<sup>9</sup>

Com efeito, o mandamento do sábado identifica: 1) o Senhor do sábado como Criador (Êxo. 20:11; 31:17); e 2) a esfera de Seu domínio e autoridade — "os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há" (Êxo. 20:11). O sábado atua como "sinal" ou "selo" pois tem as típicas características dos selos que ratificavam antigos documentos de convênios internacionais no Oriente Próximo. Esta natureza do sábado como sinal ou selo possibilita que o verdadeiro observador do sábado reconheça a Deus como Criador e Recriador que tem domínio e autoridade sobre toda a criação e também sobre esse próprio indivíduo.

Ao guardar o sábado, o crente manifesta que pertence inteiramente a Deus e a Seu povo que guarda os mandamentos. Assim o sábado é um sinal que comunica a singular relação entre Deus e os que Lhe pertencem, sendo que Ele é tanto seu Deus do concerto como seu santificador.

O designio do Novo Concerto não é abrogar ou abolir o velho concerto e a lei; ele renova o verdadeiro propósito do concerto e interioriza a lei (ver Jer. 31:31-34). O velho e o novo concertos têm a mesma lei. Não há nada de errado com a lei. O concerto feito com Israel ficou velho porque a lei continuou sendo alguma coisa exterior para os israelitas; no Novo Concerto Deus escreve a lei no coração (v. 33), interiorizando-a, e tornando-a uma parte do íntimo das pessoas, para que a aceitem e assimilem, e vivam de dentro para fora. No Novo Concerto, a lei, com o sábado no centro, não se

contentará com mera obediência mecânica e atitudes sem vida, e, sim, com a nova vida do Espírito (ver Rom. 7:6), que conduz a genuína, profunda e autêntica obediência e culto prestados de todo o coração. A observância do sábado constitui uma resposta de amor, da parte do cristão, à grandeza de Deus e a Seus propósitos criativos, libertadores e santificadores cumpridos no abundante dom da vida para serviço pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo. A observância do sábado revela que a pessoa pertence a Deus e a Jesus Cristo, o Senhor do sábado.

O sábado é, portanto, um período sagrado que vincula o passado, o presente e o futuro. Ele provê tempo para profunda comunhão e companheirismo com o Senhor da vida. Proporciona uma experiência atual de renovação, redenção e libertação. Traz alegria e paz, e liberta o crente para o culto a Deus e para o serviço a Ele e aos semelhantes. O sábado transforma as realidades presentes, apontando para a prometida realidade futura de um novo céu e de uma nova Terra não perturbados pelo pecado.

#### Referências

1. Ver J. H. Meesters, *Op zoek naar de oorsprong van de sabbat* (As-

sen, 1966); W. Rordorf, *Sunday* (Filadélfia, 1968), págs. 19-24; N. E. Andreassen, *The Old Testament Sabbath* (Missoula, 1972), págs. 1-16; N. Negretti, *Il Settimo Giorno* (Roma, 1973), págs. 31-108.

2. H. L. Ginsberg, "Poemas sobre Baal e Anath", em J. B. Pritchard, ed., *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (Princeton, N.J., 1955), págs. 137 e 138; E. A. Speiser, "The Creation Epic", em Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 68 e 69.

3. H. W. Wolff, *Antropology of the Old Testament* (Filadélfia, 1981), pág. 131.

4. G. H. Waterman, "O Sábado", *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible* (Grand Rapids, Michigan, 1975), vol. 5, pág. 183.

5. Este número vem do Rabi Johanan e de R. Simeon ben Lakish, ver G. F. Moore, *Judaism in the First Centuries of the Christian Era* (Cambridge, Mass., 1962), vol. 2, pág. 28. Cf. E. Lohse, *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, Michigan, 1975), vol. 7, págs. 4-14, para um estudo conciso sobre o desenvolvimento das leis judaicas sobre o sábado.

6. Para um penetrante estudo sobre os antecedentes e a mudança do sábado para o domingo, ver Samuele Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday: A Historical Investigation of the Rise of Sunday Observance in Early Christianity* (Roma, 1977).

7. Em 1961 o Papa João XXIII publicou a *Encyclica Mater et Magistra*, na qual é declarado: "A Igreja Católica decretou por muitos séculos que os cristãos observem este dia de descanso no domingo..." (em *The Papal Encyclicals in their Historical Context*, ed. A. Fremantle (Nova Iorque, 1963), pág. 384).

8. S. Terrien, *The Elusive Presence: Toward a New Biblical Theology* (Nova Iorque, 1978), pág. 391.

9. M. G. Kline, *The Structure of Biblical Authority* (Grand Rapids, Michigan, 1972), pág. 120.

## Religião

# Mantendo-se como o número UM

Quantas vezes tenho ouvido dizer: "O pastor de igreja é a pessoa mais importante em nossa organização!" Lamento declarar, porém, que também ouvi dizerem de um presidente ou dirigente departamental que não foi reeleito: "Oh, que pena! O Pastor \_\_\_\_\_ foi rebaixado." (É mais deplorável ainda quando o pastor "rebaixado" chora ao perder o seu posto.) Também tenho ouvido a expressão: "Precisamos achar um lugar para o Pastor \_\_\_\_\_." Como se a designação para o pastorado de uma igreja não era um lugar! Em tal atmosfera, podemos culpar o pastor local por tornar-se cínico ao ver uma luta pelo poder na igreja: uma escada com degraus de promoção e rebaixamento?

Não há um trabalho mais importante e compensador do que partilhar pessoalmente a graça de Deus com pessoas desesperadas e aflitas, para vê-las ficarem curadas e sorridentes. Todo ministro do evangelho, quer seja pastor de igreja, administrador ou diretor departamental, deve considerar isto como sendo o trabalho de sua vida. Hoje dirigente departamental, amanhã pastor de igreja? Isso não é rebaixamento, e, sim, promoção! Precisamos dedicar a essa filosofia mais do que palavras lisonjeiras. Precisamos realmente crer nela.

O pastor de igreja tem uma função apavorante, mas ele pode cumpri-la quando é impelido pelo Espírito Santo. A imensidade da tarefa requer, porém, que o pastor ordene devidamente as suas prioridades. Se não fizer isto, deixará de ver a importância de seu trabalho como pastor de igreja e será levado a acreditar que realmente é mais desejável ocupar alguma outra posição. Se o pastor de igreja é de fato o ministério mais importante e de maior responsabilidade na Igreja de Deus, precisamos ter isto em mente e estar certos de dirigir nosso ministério de tal maneira que mantenhamos a elevada natureza de nossa vocação. Como podemos fazer isto? Após trinta e seis anos de ministério, apresento devotamente as seguintes sugestões da

Escola dos Golpes Duros. Alguns dos golpes que recebi nessa "escola" quase me puseram a nocaute. Muitas vezes, por ignorância ou estultícia, eu manchei o registro. Mas, através de tudo isto, Deus me amou, perdoou e guiou. Eis as minhas sugestões para manter o pastorado como a vocação mais importante na Igreja de Deus:

1. *Leia diariamente as afirmações positivas da Palavra de Deus.* "Tudo posso naquele que me fortalece." Filip. 4:13. Não há nada pior do que um pastor pessimista. O Pastor Roberto Hare, pregador adventista pioneiro, orou: "Tira minha visão embaçada e dá-me uma visão otimista!"

2. *Ore a seu Pai celestial como a um amigo.* Aqui não há lugar para formalidade. Ao orar, saiba que quando necessitamos de Deus Ele está bem perto. Quando procuramos a Deus, Ele está ali. E, aonde quer que nos dirijamos, sempre podemos encontrar a Deus.

3. *Desenvolva sua perícia.* Nunca se contente com as realizações do passado. Melhore constantemente seu estilo de pregação. Busque o conselho de especialistas em oratória, preparação de sermões, etc. Um sermão clássico e inspirador é lembrado por mais tempo. Não é vergonhoso ser um profissional.

4. *Tenha cuidado com o egocentrismo.* Saiba o que Deus pode fazer sem você, mas prefere não fazer.

O pastor egocêntrico ama a esposa, mas a negligencia; ama os filhos, mas não tem tempo para brincar com eles; ama seu trabalho, mas não conhece o significado da relaxação. Provavelmente o maior perigo que o pastor tem de enfrentar esteja precisamente aqui. Ele se consola com o pensamento de que está realizando a obra de Deus e que, portanto, sua esposa e filhos compreenderão o que se passa. Na realidade, porém, as coisas não funcionam dessa maneira. O pastor compassivo que se comunica com os membros, o pastor perspicaz que atenta para os jovens de sua congregação, o pastor que pode falar sobre as alegrias da vida matrimonial, é o pastor que sabe, por sua própria ex-

periência e pela segurança e amor de seu próprio lar e família, em que consiste a compaixão, o discernimento espiritual e a qualidade de vida.

As vezes é mais importante gastar tempo com a família do que partilhar a fé com os outros. A fé que partilharmos será diminuída se não for iluminada por constante diálogo familiar. Planeje um dia de folga por semana, ou de quinze em quinze dias, bem como férias, e não permita que alguma coisa cancele esses compromissos com a família. É verdade que haverá ocasiões em que você não disporá de tempo para isso; porém, se as suas prioridades forem corretas, essas ocasiões serão poucas e distantes umas das outras.

5. *Tome tempo para aumentar a cultura.* Os que realmente amam a Deus são sensíveis e atentos à beleza que nos rodeia — a beleza da Natureza, da música, da arte, da textura da História. Há tanta coisa para explorar, para descobrir e para ser assimilada. Meu pai ensinou-me a olhar para uma árvore durante uma hora e ainda encontrar beleza ali.

6. *Comunique-se com as pessoas em toda a parte.* Aprecie seu ponto de vista. Tenha interesse em suas esperanças e aspirações. Encontre uma base comum para considerações. A busca da cultura será útil nesse sentido. O introvertido círculo social adventista do sétimo dia pode ser muito restrito. E, no entanto, o genuíno cristão adventista do sétimo dia será uma pessoa encantadora, de calma dignidade, e também de prazer e alegria.

7. *Lembre-se de que a relação de um indivíduo com outro é amíável mais significativa do que encontros com numerosas pessoas.* Em parte alguma isso é mais evidente do que ao trabalhar pelos jovens. Siga o exemplo de Cristo neste sentido. Incentive a aproximação das crianças. Visite-as em seus lares. Certa vez um pastor bateu à porta de minha casa. Eu o saudei com entusiasmo. Ele respondeu: "Não vim visitar a você, e, sim, a sua filha." Ele era um pastor muito ocupado. Dirigia uma classe batismal na escola. Minha filha estudava com esse grupo, mas esse homem dava estudos individuais a todos os que pertenciam a sua classe. Também fiquei sabendo que essa solicitude e meticulosidade era notória em outros aspectos de seu ministério.

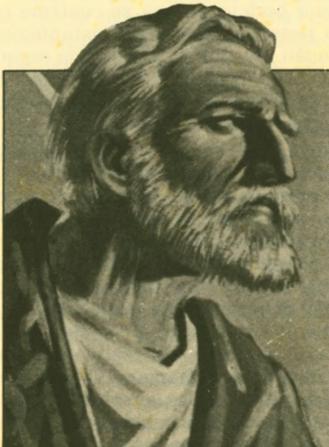
8. *Evite ser exclusivista.* No começo de meu ministério ensinaram-me uma valiosa lição: "Não exclua o homem da casa." "E se ele me expulsar de lá?" perguntei ao dirigente da missão. "Isso raramente acontece", disse ele. Com efeito, ninguém o fez, e muitos "inimigos" tornaram-se amigos. Se você for convidado a estudar a Bíblia com uma senhora casada, sempre, sempre trave conhecimento com o homem da casa. Se ele estiver no quintal dos fundos, cavando na horta, vá até lá para cumprimentá-lo. Descubra os seus interesses e trate-o como amigo.

9. *Não encare a si mesmo com demasiada seriedade.* Um sorriso é muito melhor do que um olhar carrancudo, mesmo que estejam caçoando de você. Acha que é mais fácil dizer do que fazer? Experimente-o assim mesmo. Por falar nisso, não desempenhe simplesmente um papel. Sua vocação é elevada, mas a sua ordenação não o torna mais importante do que qualquer outra pessoa, só maior devedor. Não se apegue a sua dignidade, nem exija atenção devido a sua posição. Não há necessidade de confessar publicamente os seus pecados; mas, por outro lado, não há mal nenhum em que o povo o considere uma pessoa comum, com os mesmos temores, debilidades e dévidas que assaltam toda a humanidade. E se você errou, admita-o. Isto contribuirá para elevá-lo, não para rebaixá-lo. As pessoas buscarão o seu conselho e ajuda se notarem que você é um cristão genuíno e amoroso.

10. *Abandone tudo para seguir-Lo.* Precisamos lembrar-nos diariamente da total dedicação dos discípulos que deixaram tudo pelo Mestre. Às vezes os membros têm a impressão de que estamos mais interessados em construir casas neste mundo, do que em preparar-nos para as mansões celestiais. E se não conseguirmos ficar dentro de nosso orçamento? E se as coisas realmente forem difíceis? Se esta é a nossa situação, talvez haja muitos fatores, mas convém que analisemos e reconsideremos nossas prioridades. Nossa vida é uma vida de dedicação, de entrega, de sacrifício e de serviço.

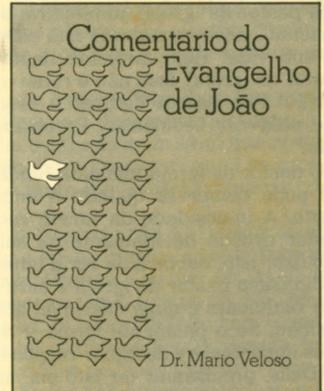
Nosso trabalho não é somente o que esta palavra indica. É um meio de vida. E, neste sentido, você, como pastor de igreja, é o número um.

## ERA SÓ O QUE FALTAVA! E a Casa Trabalhou Para Supri-lo



Heber

Um comentário de profundas dimensões escatológico-teológicas, que lhe proporcionarão uma compreensão mais ampla da orientação e propósito do evangelho de João. Sua biblioteca não se completará sem este volume. Peça-o hoje mesmo a esta Editora.



Comentário do  
Evangelho  
de João

Dr. Mario Veloso



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Av. Pereira Barreto, 42 — Caixa Postal, 34-09000-Santo André — S. Paulo